



fato  *razão*
119

TRANSIÇÕES



CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Fátima e Zildomar - COORDENADORES NACIONAIS
Sílvia e Claudimar - VICE-COORDENADORES NACIONAIS
Irmã Alzemir - ASSESSORA ECLESEÁSTICA
Kleber - SECRETÁRIO EXECUTIVO
Maria Lúcia e Coutinho - CONDIR SUL
Dilva e Sílvia - CONDIR SUDESTE
Valdirene e Gildásio - CONDIR NORDESTE
Danielma - CONDIR NORTE
Neuzemi e Vando - CONDIR CENTRO-OESTE

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Amorim Alves, Camila Contente Pavão, Gabryel Oliveira de Souza
Jorge Antônio Soares Leão, Lucilea do Socorro Souza Costa, Kleber José Oliveira Rodrigues, Maria Sebastiana Soares Leão
Solange Castellano Fernandes Monteiro/José Ailton Monteiro (CONDIR Sudeste, MFC - RJ)
Rainey Barbosa Marinho (CONDIR NORDESTE, MFC - AL)
Arte e diagramação Anderson Nogueira (amarartesvisuais@gmail.com) e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

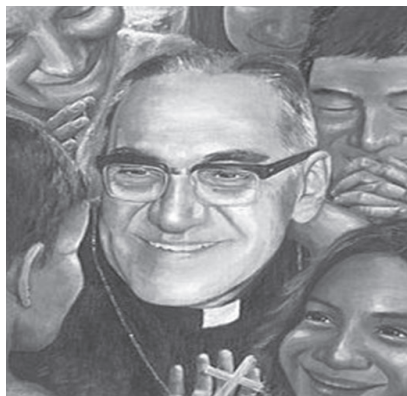
Biografias que marcaram a humanidade: Dom Oscar Romero	5	MFC igreja viva de Jesus Cristo	36
Suco Protetor Intestinal	5	Exercício alternativo para captar valores do grupo	40
Cuidar da Terra, proteger a vida...	10	Valores: honestas e falsas inquietações	42
Vamos falar de transição no MFC	13	Deonira L. Viganó La Rosa	
Quebra-cabeça	15	O amor-perfeito no jardim do rei...	45
No caminho da Solitude...	19	O velho sabio	46
Buscando a iluminação...	20	O guerreiro do norte empodera-se por vivenciar o perdão, ampliando a cultura da paz	48
Uma visita de Marte...	21	Rubens Carvalho	
Quando começou o nosso erro?	22	A Taça de Supriya	50
Amor em construção: todos os dias um tijolo novo	25	Natureza e meio ambiente na tradição dos povos indígenas...	54
Rubens Carvalho		Daniel Munduruku	
Entre o real e o imaginário: quem é o público para o qual escrevo?	27	Como a Família pode construir a paz?	58
Reflexões com a 7a Arte	30	Deonira L. Viganó La Rosa	
Artesanato da Alma	32	A alegria de amar...	61
Como a disciplina pode ser mais bem explicitada sem cair para o lado do autoritarismo?	33		
Reconciliação...	35		

Biografias que marcaram a Humanidade

DOM OSCAR ROMERO
(1917 – 1980)

Oscar Arnulfo Romero nasceu na cidade Barrios (São Miguel), no dia 15 de agosto de 1917. Foi o segundo de oito irmãos de uma modesta família. Seu pai, Santos, era empregado dos Correios e telegrafista e sua mãe, Guadalupe de Jesus, ocupava-se dos afazeres domésticos. El Salvador era, naquela época, um país de relativa prosperidade econômica (graças ao cultivo e à exploração do café), mas dominado por um poder oligárquico, que mantinha oprimida a população camponesa.

Na tenra idade, teve de interromper seus estudos, em virtude de uma doença grave, e aos doze anos de idade já trabalhava como aprendiz numa carpintaria. Seu ingresso no Seminário Menor de São Miguel deu-se em 1931. Ali permaneceu durante seis anos, tendo de interromper novamente seus estudos, agora para ajudar sua família em alguns momentos de dificuldade econômica. Durante três meses, trabalhou com seus irmãos nas minas de ouro de Potosí, a cinquenta centavos por dia.



Em 1937, Oscar ingressa no Seminário Maior de São José da Montanha, em São Salvador. Sete meses mais tarde, é enviado a Roma para prosseguir seus estudos de Teologia. É ordenado presbítero no dia 4 de abril de 1942, continuando em Roma mais um período a fim de iniciar sua tese de doutorado, mas a guerra europeia impede-o de terminar seus estudos e vê-se obrigado a regressar a El Salvador.

Seu trabalho como padre começa na paróquia de Anamorós, mudando-se, pouco depois, para São Miguel, onde levou a cabo seu trabalho pastoral durante vinte anos, durante os quais seu trabalho é o de um padre dedicado à oração e às atividades pastorais, mas ainda sem nenhum compromisso social explícito. O país está imerso num caos político, em que golpes de Estado

deixam o poder quase sempre nas mãos dos militares.

Em 1966, Dom Romero foi eleito secretário da Conferência Episcopal de El Salvador. Com isso, começa uma atividade pública mais intensa e que coincide com um período de amplo desenvolvimento dos movimentos populares.

Sua nomeação como bispo auxiliar de Dom Luís Chávez y González, em 1970, não foi bem vista pelos setores mais renovadores: Dom Chávez y González e Dom Rivera (também bispo auxiliar) estavam impulsionando as mudanças pastorais que o Vaticano II e a Conferência de Medellín de 1968 exigiam para o desenvolvimento de uma nova forma de entender o papel da Igreja católica na América Latina, diante dos quais os posicionamentos de Dom Romero, nomeado também diretor do jornal *Orientación*, eram muito conservadores.

Nomeado bispo da Diocese de Santiago de Maria, muda-se para lá em dezembro de 1974. O contexto político caracteriza-se, sobretudo, por uma especial repressão contra os camponeses organizados. Em junho de 1975, acontecem os fatos de TresCalles: a guarda nacional assassina três camponeses. Dom Romero vai ao local consolar os familiares das vítimas e celebrar

missa. Porém não faz nenhuma denúncia pública do fato, tal como lhe haviam pedido alguns setores, ainda que envie uma dura carta ao presidente Molina.

A nomeação de Dom Romero como arcebispo de São Salvador, no dia 23 de fevereiro de 1977, é uma surpresa negativa para o setor renovador, que esperava a nomeação de Dom Rivera, e uma alegria para o governo e os grupos do poder, que veem neste religioso de 59 anos um possível freio ao movimento de compromisso com os mais pobres que a arquidiocese estava impulsionando.

Um fato ocorrido apenas algumas semanas mais tarde, que se revelará decisivo na escalada de violência sofrida em El Salvador, entretanto, irá deixar clara a futura linha de ação de Dom Romero: no dia 12 de março de 1977, é assassinado o padre jesuíta Rutilio Grande, que colaborava na organização de grupos camponeses de autoajuda e era amigo de Dom Romero. O recém eleito arcebispo pede insistentemente que o presidente Molina investigue as circunstâncias da morte e, diante da passividade do governo e do silêncio da imprensa por causa da censura, ameaça até com o fechamento das escolas e a ausência da Igreja católica em atos oficiais.

A posição de Oscar Romero começa, então, a ser conhecida e valorizada no contexto internacional: no dia 14 de fevereiro de 1978, é nomeado doutor honoris causa pela Universidade de Georgetown (EUA); em 1979, é indicado para o Prêmio Nobel da Paz e, em fevereiro de 1980, é investido doutor honoris causa pela Universidade de Louvain (Bélgica). Por ocasião dessa viagem à Europa, visita João Paulo II no Vaticano e transmite-lhe sua preocupação diante da terrível situação que vive seu país.

Em 1980, El Salvador vivia uma etapa especialmente violenta, pela qual, sem dúvida, o governo era um dos maiores responsáveis. A Igreja calcula que, entre janeiro e março daquele ano, mais de novecentos civis foram assassinados pelas forças de segurança, unidades armadas ou grupos paramilitares sob o controle militar. Era do conhecimento de todos que o governo atuava em estrita relação com o grupo terrorista ORDEN e os esquadrões da morte.

Logo após chegar de sua viagem à Europa, no dia 17 de fevereiro, o Arcebispo Romero envia uma carta ao presidente Carter, opondo-se à ajuda que os Estados Unidos estavam prestando ao governo salvadorenho, uma ajuda que, até o momento, só havia favoreci-

do o estado de repressão em que vivia o povo. A resposta do presidente dos Estados Unidos traduziu-se numa petição ao Vaticano para chamar a atenção do arcebispo. Em outros países, entretanto, continua o reconhecimento do trabalho de Romero, pois, por esses mesmos dias, recebeu o Prêmio da Paz da Ação Ecu-menica Sueca.

O cerco aperta: no final de fevereiro, Dom Romero toma conhecimento das ameaças de morte contra sua pessoa; recebe, também um aviso de ameaças de similar seriedade do núncio apostólico da Costa Rica, Dom Lajos Kada, e, no início de março, é bombardeada uma cabina de locução da emissora YSAX, La Voz Panamericana, que transmitia suas homilias dominicais. Nos dias 22 e 23 de março, as religiosas que atendem o Hospital da Divina Providência, onde mora o arcebispo, recebem ligações telefônicas anônimas ameaçando-o de morte. Finalmente, no dia 24, Oscar Arnulfo Romero é assassinado por um franco-atirador enquanto celebrava missa na capela do referido hospital.

Fonte: Recortes e adaptação da biografia apresentada na internet pela Biblioteca Virtual Cervantes, por Pablo Richard, em: "A força espiritual da palavra de Dom Romero", p. 7 – 10.



Suco Protetor Intestinal

Tem sido comprovado que o maior consumo de maçãs diminui o risco de câncer de cólon. Provavelmente sejam os polifenóis e a pectina (um tipo de fibra solúvel) os componentes da maçã mais ativos contra o câncer de cólon. Ambas as substâncias protetoras são encontradas no suco natural de maçã, aquele que é apresentado com aparência turva (e não tanto no suco claro industrializado).

O espinafre é um dos alimentos mais ricos em luteína, particularmente um carotenoide protetor contra esse tipo de câncer.

O brócolis, além de seu efeito protetor já bem demonstrado contra o câncer de mama, também previne o câncer de cólon.

Esses três eficazes protetores contra o câncer de cólon (a maçã, o espinafre e o brócolis) se combinam com o farelo de aveia (rico em fibras solúveis), resultando em uma bebida deliciosa e nutritiva,

o suco Protetor Intestinal. Esta receita não somente reduz o risco do câncer de cólon, como também é útil para o caso de pólipos, divertículos, cólon irritável, colite ulcerosa e outros transtornos intestinais.

INGREDIENTES:

- Duas maçãs médias (cerca de 360 g)
- Duas xícaras de espinafre (cerca de 60g)
- Um talo de brócolis (cerca de 100g)
- Duas colheres (sopa) de farelo de aveia ou farelo de trigo (cerca de 12g)

PREPARO:

1. Passar as maçãs, o espinafre e o brócolis pelo multi-processador.
2. Adicionar o farelo de aveia ao suco obtido e mexer até que tudo fique dissolvido.
3. Não é necessário adoçar esse suco; mas, se desejar, usar um pouco de açúcar mascavo orgânico.

Retenção de Líquidos Suco Lá vai Água

Por diversas razões, dentre as quais se destaca uma alimentação carregada de proteínas e gorduras de origem animal, os rins ficam preguiçosos e diminuem a produção de urina. Ao retardar a eliminação de líquido, este se acumula nos tecidos, causando um tipo de inchaço conhecido como edema.

Esta receita é diurética ativo, capaz de estimular os rins a aumentar sua produção de urina; porém, ao contrário dos diuréticos artificiais, não provoca nenhum tipo de desequilíbrio no nível de sais minerais no sangue. Além disso, os hipertensos podem se beneficiar do Suco Lá vai Água, pois, ao perder líquido corporal, a tensão arterial se reduz.

INGREDIENTES

(para duas porções de 250ml):

- Seis cenouras de tamanho médio (cerca de 360g)
- Um pepino de tamanho médio (cerca de 200g)



- Três talos de salsão de tamanho médio (cerca de 120g)
- Dez raminhos de salsa fresca (cerca de 10g)
- Quatro colheres (sopa) de suco de limão (cerca de 60ml).

PREPARO:

1. Passar pela centrífuga as cenouras, o pepino, o salsão e a salsa.
2. Adicionar o suco de limão.
3. Adoçar a gosto.

Fonte: PAMPLONA, Jorge. O Poder Medicinal dos Sucos e Shakes– Bebidas saudáveis para fortalecer o corpo.

Tradução Wilson F. Almeida. São Paulo, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016, p. 134 – 137.

Permaneça no meu amor e produza muitos frutos.

Jo 15, 5 – 9.



Cuidar da Terra, proteger a vida...

A humanidade se confronta com muitos problemas, alguns conjunturais e outros estruturais, que nos obrigam a pensar e a tomar decisões radicais. Especialmente três são os mais desafiadores: a grave crise social mundial, as mudanças climáticas e a insustentabilidade do sistema-Terra.

A crise social mundial já vem de longa data e está ligada diretamente ao modo de produção que ainda impera em todo o mundo, que é o capitalista. Sua dinâmica leva a uma exacerbada acumulação de riqueza em poucas mãos à custa de uma espantosa pilhagem da natureza e do empobrecimento da grande maioria dos povos. Ela é crescente e os gritos dos considerados "zeros econômicos" não

podem mais ser silenciados e tornados inaudíveis.

Esse sistema deve ser denunciado como inumano, cruel, sem piedade e hostil à vida. Ele tem uma tendência suicida e se não for superado historicamente, poderá levar o sistema-vida a um grande impasse e eventualmente ao extermínio de porções significativas da espécie humana.

O segundo grave problema é constituído pelas mudanças climáticas, que se revelam por eventos extremos: grandes frios de um lado e prolongadas estiagens de outro. Essas mudanças sinalizam um dado irreversível: a Terra mudou, pois já nos encontramos dentro do aquecimento global, fruto, em grande parte, de séculos de violenta intervenção humana na natureza produ-

zindo gases de efeito estufa que estão elevando a temperatura do planeta a níveis ameaçadores. Até dois graus de aumento o sistema-Terra é ainda administrável, desde que se façam estratégias de adaptação às mudanças e de mitigação de seus efeitos danosos. Se não fizermos o suficiente para estabilizar o estado da Terra e o clima atingir até quatro graus de aumento (conforme advertem sérios centros de pesquisa), então a vida, assim como a conhecemos, não será mais possível. Alguns humanos sobreviverão em oásis ou portos de salvação, mas numa Terra devastada e coberta de cadáveres.

Nunca a Humanidade como um todo se confrontou com semelhante alternativa: ou mudar radicalmente ou aceitar a nossa destruição e a devastação da diversidade da vida. A Terra continuará, mas sem nós.

Importa entender que o problema não é a Terra. É nossa relação agressiva e não cooperativa para com seus ritmos e dinâmicas. Ela encontrará um novo equilíbrio, provavelmente reduzindo a biosfera, eliminando seres vivos que nela habitam, não excluindo seres humanos.

O terceiro problema é a insustentabilidade do sistema-Terra. Hoje sabemos em-

piricamente que a Terra é um superorganismo vivo que harmoniza com sutileza e inteligência todos os elementos necessários para a vida, a fim de continuamente produzir ou reproduzir vidas e garantir tudo o que elas precisam para subsistir.

Ocorre que a excessiva exploração de seus recursos naturais, muitos renováveis e outros não renováveis, fez com que ela não conseguisse, com seus próprios mecanismos internos, se autor-reproduzir e autorregular. A humanidade consome atualmente 30% mais do que aquilo que a Terra pode repor. Quer dizer, consumimos hoje o que deveríamos consumir amanhã e depois de amanhã. Dessa forma, ela não se torna mais sustentável e o demonstra pelos muitos desequilíbrios que se notam em todos os quadrantes do planeta. Há crescentes perdas de solos, de ar, de águas, de florestas, de espécies vivas, de oceanos e da própria fertilidade humana. Quando essas perdas vão parar? E se não pararem e continuarem a crescer, qual será o futuro da vida e das condições que permitem à Terra ser nossa Mãe generosa?

Tudo isso nos obriga a uma mudança de paradigma civilizacional. Como está, o mundo não pode continuar. Caso contrário, iremos todos ao encontro do imponderá-

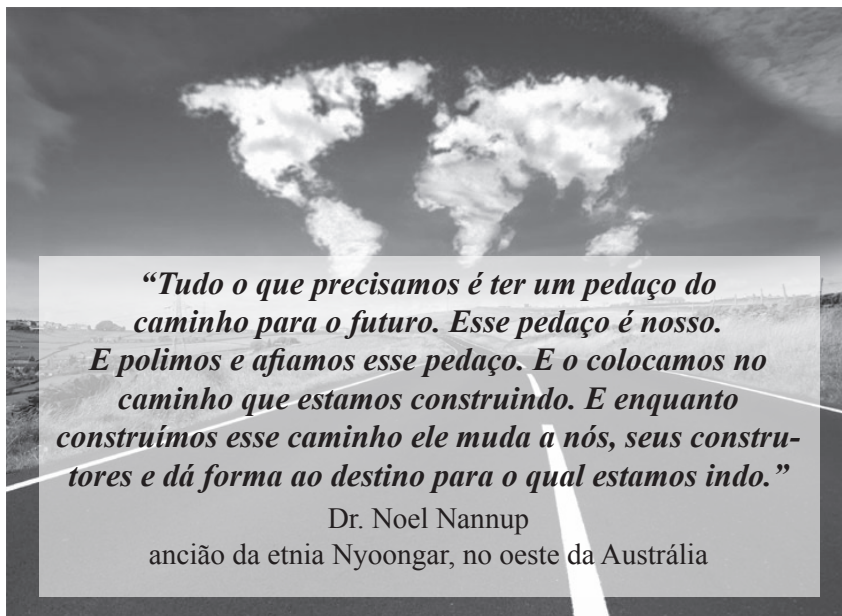
vel. Mudança de civilização implica fundamentalmente um novo começo, um nova relação de sinergia e de mútua pertença Terra e humanidade, a vivência de valores ligados ao capital espiritual, como o cuidado, o respeito, a colaboração, a solidariedade, a compaixão, a convivência pacífica com as diferenças culturais, a tolerância, o amor à condição humana, assim como é uma abertura para as dimensões transcendentais que dizem respeito ao sentido de nossa existência nesta Terra e ao sentido terminal do universo inteiro.

Sem uma espiritualidade, vale dizer, sem uma nova experiência radical do Ser e sem um mergulho na Fonte originária de todos os seres de onde nasce um novo horizonte de esperança, certamente não conseguiremos fazer uma travessia bem-sucedida.

Enfrentamos uma dificuldade que vai ser superada: o velho ainda persiste e o novo custa a nascer. Mas vai nascer e fazer outra história melhor.

*Fonte: BOFF, Leonardo.
Cuidar da Terra, proteger a vida – como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 11 – 13.*

◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊ *Frase para reflexão:* ◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊



“Tudo o que precisamos é ter um pedaço do caminho para o futuro. Esse pedaço é nosso. E polimos e afiamos esse pedaço. E o colocamos no caminho que estamos construindo. E enquanto construímos esse caminho ele muda a nós, seus construtores e dá forma ao destino para o qual estamos indo.”

**Dr. Noel Nannup
ancião da etnia Nyoongar, no oeste da Austrália**

Vamos falar de transição no MFC

Rubens Carvalho

Conselho Diretor Nacional do MFC

Este é um tempo muito especial para todos nós, e falar de transição neste momento é garantir a sustentabilidade estruturada e organizada do nosso MFC. Como Associação Civil, temos um único fim, finalidades, características e objetivos, estes precisam estar alinhados em todos os níveis de governança, e precisa começar a partir de nós.



O maior valor do MFC são as pessoas (seus membros), a nossa diversidade precisa ser abraçada como estratégia de aliança para proporcionar crescimento e sustentabilidade. Não percebemos o MFC como parte, como uma região, estado, cidade maior ou menor que a outra. Na concepção de que todos somos um, um membro, independente de onde ele esteja, é a representação viva do MFC, tendo direitos e deveres iguais a de qualquer cidade com dez, cinquenta, cem, mil membros, a nossa equidade se fortalece e cresce por podermos contar uns com o outros, e isso faz toda diferença.

A transição precisa acontecer em algumas etapas, e com vocês queremos cons-

truí-la de forma assertiva, transparente, planejada, com responsabilidade e engajamento. Não existe a melhor ou pior gestão, precisamos ter a sensibilidade para encontrar e acolher as pessoas em seu momento para exercer a prática do bem comum, e esta condição não é privilégio de aposentados, de desempregados, de pessoas desocupadas, é sim uma resposta à condição de vida no momento atual, em que sentido-se bem, completo, disposto e comprometido com a nossa expressão maior de amar, se colocam a servir.

Transição significa passagem, aqui uma substituição da gestão anterior para a nova gestão eleita. É um processo psicológico, pelo qual

peças têm que passar para poder lidar com as circunstâncias que mudaram, e aqui gostaria de abrir aspas: “de tempos em tempos o Espírito Santo de Deus, requer de nós uma nova postura, uma nova presença”, a nova gestão (em todos os níveis de governança), precisa sentir-se segura quanto às atividades desenvolvidas anteriormente, bem como tomar conhecimento de ferramentas, projetos e processos que necessitam de continuidade. É momen-

to de uma reorganização, e esta exige de nós mudanças visíveis de comportamento, de percepção de mundo e de acolhimento, reflexão, processamento e execução de um plano novo apoiado em estruturas sólidas e alinhadas com a missão do MFC.

“Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois” (Beto Guedes)... sigamos amados com fé, amor e esperança.

Fraterno e afetuoso abraço.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

"Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro."

Rubem Alves



QUEBRA-CABEÇA

Era uma aldeia de tolos. Uma aldeia habitada por pessoas acostumadas a viver assim, buscando a maneira de evitar problemas, não resolvendo situações, mantendo relações superficiais e passageiras... Ninguém conhecia bem o seu vizinho e alguns nem sabiam se alguém vivia na porta ao lado.

Um dia, um grupo de quatro tolos organiza uma excursão. Tratava-se de passeio por bosque que ficava próximo da aldeia. Assim, sem previsões nem provisões, os tolos saíram da aldeia. Chegando à entrada do bosque, descobriram que tinham diante dos olhos a obscura maravilha de sendas caprichosas e galerias desenhadas por árvores de frondosa presença e úmida acolhida. Escolheram uma clareira como entrada e se introduziram nessa cativante imagem.

Uma vez dentro, facilmente foram enganados por maravilhosa manhã tão espetacular que confundiram os seus passos e os fizeram perder a referência da entrada escolhida. Sem mais o que decidir, seguiram adiante certos de encontrar a qualquer momento, por acaso, uma saída, porque assim devia acontecer. Logo,



muito logo, tiveram de enfrentar riscos de todo o tipo. Um deles começou a perceber sons, ruídos estranhos, desconhecidos. Em seguida, pensou que se tratava dos duendes do bosque, fantasmas que habitavam aquela úmida escuridão e perseguiam os intrusos que ousavam invadi-la. Sentiu medo, vacilou um momento, quis fugir, mas logo reagiu e achou o que fazer: tapou os ouvidos com as mãos e ficou tranquilo, porque, assim, pensou, os duendes já não existem.

Outro deles descobriu entre as sombras cerradas do bosque presenças estranhas que o seguiam e o olhavam. Eram curiosos seres cujas formas se modificavam à medida que ele se aproximava ou se afastava deles e que surgiam da escuridão como personagens ameaçadoras. Também sentiu medo. Também quis fugir desse círculo no qual fora apanhado pelas sombras e seus temores. Logo reagiu e, como aconteceu com o outro tolo, descobriu o que fazer: tapou os olhos com as mãos e ficou tranquilo, porque, assim

pensou, as sombras ameaçadoras já não existem.

O terceiro tolo, que gostava de cantarolar enquanto caminhava, começou a sentir personagens invisíveis que, com vozes estranhas, lânguidas, e muitas vezes também graves, repetiam os seus cantos com melodia diferente, talvez mais profunda. Sentiu medo. Quem seriam essas personagens que repetiam invariavelmente as suas vozes com um tom que o assustava, com uma sonoridade inquietante? Quis fugir deles, mas não conseguiu. Aonde ia, elas o perseguiam, repetindo espantosamente os seus cantos. Logo reagiu, e como aconteceu com os tolos anteriores, ele também pensou no que fazer: tapou a boca e parou de cantar, e ficou tranquilo, porque, assim pensou, as vozes ameaçadoras já não existem.

O quarto tolo, que gostava de caminhar e percorrer todos os atalhos do bosque, logo descobriu que por mais que caminhasse e caminhasse, sempre chegava ao mesmo lugar. Acelerava o passo como se isso lhe permitisse sair mais depressa do labirinto verde-escuro em que havia se metido. Mas nada adiantava; por mais que corresse, sempre chegava ao mesmo lugar. Sentiu-se apanhado pela própria impossibilidade de encontrar saída. Quis fugir, mas não

pôde. Aonde quer que caminhasse, os atalhos invariavelmente o levavam ao mesmo lugar, sempre. Logo reagiu, e como aconteceu com os outros três tolos, descobriu o que fazer: ficou parado, porque, assim pensou, os caminhos não se cruzariam, impedindo-o de sair do lugar. Mas logo sentiu que não havia resolvido o problema. Permaneceu parado ali um momento... e também não havia saído do labirinto, que continuava a existir ao seu redor, cerrado, enigmático, e verde-escuro. Pensou um instante e disse consigo que, se existia uma entrada, devia existir uma saída que só acharia buscando-a, e, apesar do medo e do temor, decidiu encontrá-la. Pegou uma pedra, amarrou-a a uma corda que fez com raízes e a lançou para a frente em meio à espessura verde do bosque. Logo, seguindo a corda como atalho, se encaminhou de maneira pausada, mas decidida.

Assim, inventando atalhos através do verde espesso do bosque, chegou à presença do duende do bosque. Era uma pequena e muito simpática personagem, que o recebeu com curiosa afetividade. O tolo se assustou, mas não tentou fugir dele, porque percebeu que era bem recebido. O duende o guiou até a saída mais próxima do bosque. Ao chegar a ela, deparou curiosa

montanha formada por milhares de peças de quebra-cabeça gigante. Então lhe disse que a única condição para sair do bosque pela única saída que o bosque tinha era armar inteiramente a figura do quebra-cabeça. O nosso tolo se sentiu decepcionado por ter de encarar tarefa tão árdua levando em conta aquela enorme quantidade de peças. Mas o duende do bosque o animou dizendo que devia tentar, ou então voltar ao centro do labirinto, e ficar parado lá, como já havia experimentado antes.

O duende o deixou sozinho para que decidisse o que fazer e, desejando-lhe sorte, se perdeu na espessura do bosque. O tolo iniciou a tentativa. Trabalhou muitas horas tentando armar a figura em questão. Teve de enfrentar desânimos, frustrações, desesperança, o desespero. Teve algum sucesso e conseguiu armar parcialmente algumas áreas do desenho. Procurando, tentando, armando, encontrou em meio à montanha uma peça curiosa. Era semelhante às demais, mas tinha uma particularidade: no canto da peça havia alguma coisa que parecia um botão vermelho. Ele a deixou de lado e continuou tentando. Passado um momento, voltou àquela peça... e como se alguma coisa dentro dele o impulsionasse, apertou o botão.

No mesmo instante, presenciou um fato maravilhoso: na mesma hora todas as peças começaram a se juntar automaticamente umas com as outras, de maneira precisa e muito cuidadosa, até formarem a imagem perfeita e acabada do quebra-cabeça. Ainda sob o efeito da surpresa, percebeu que se tratava do desenho de uma porta tão vividamente pintada que parecia real. Tão real parecia que teve vontade de segurar a maçaneta e abri-la. Foi o que fez, e a sua surpresa foi ainda maior porque a porta se abriu, e assim, finalmente, ele pôde sair do bosque.

Passou assim para uma paisagem espetacular, intensa, luminosa, com vales regados por sinuosos regatos e enfeitados por pomares coloridos, percorridos por pessoas que cantavam sem tapar a boca, que olhavam com um brilho especial que não ocultavam e que desfrutavam ouvindo com atenção cada som, cada canto, cada silêncio. Enquanto ele desfrutava caminhando por ali, mesclado, integrado na sua nova paisagem, certo de nunca mais retornar à aldeia de onde havia saído, os outros tolos permaneciam com os olhos tapados e a boca fechada, acreditando tolaemente que, assim, os fantasmas do medo e do temor já não existiam.

Fonte: PINTOS, Cláudio García. *A Logoterapia em Contos. O livro como recurso terapêutico*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 52 – 55.

QUESTÕES PARA DEBATE:

1 – Até que ponto uma postura ou atitude, como no caso do primeiro tolo, pode influenciar decisivamente em nossas escolhas?

2 – Os quatro tolos, de modo semelhante, passaram a reagir aos desafios do bosque de acordo com o que haviam aprendido na aldeia.

Desse modo, qual o papel do meio social sobre o nosso olhar diante da realidade e dos conflitos nela encontrados?

3 – O que poderia representar o duende do bosque? Contextualize essa personagem em nosso cenário social contemporâneo.

4 – A paisagem encontrada depois da abertura da porta nos remete a que tipo de atitude diante da vida? Em que medida ela se faz presente entre nós?

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

“Esta é a Igreja que eu quero. Uma Igreja que não se valha de privilégios e das seguranças das coisas da terra. Uma Igreja cada vez mais desligada das coisas terrenas, humanas, para poder julgá-las com maior liberdade a partir de sua perspectiva, a do Evangelho, a partir de sua pobreza.”

Dom Oscar Romero, em 28 de agosto de 1977.





No caminho da Solitude...

É comum a confusão que fazemos entre solidão e solitude...

Solidão é sentir-se abandonado, isolado, retraído, ilhado...

Solitude é encontrar sentido por meio do cultivo da vida interior...

Podemos nos sentir sozinhos no meio de uma multidão...

E podemos nos sentir plenos no silêncio de nosso quarto ou a caminhar à beira da praia numa manhã ensolarada...

O que determina nosso estado de solidão ou de solitude é o índice de nutrição espiritual advindo do cultivo ou não da vida interior...

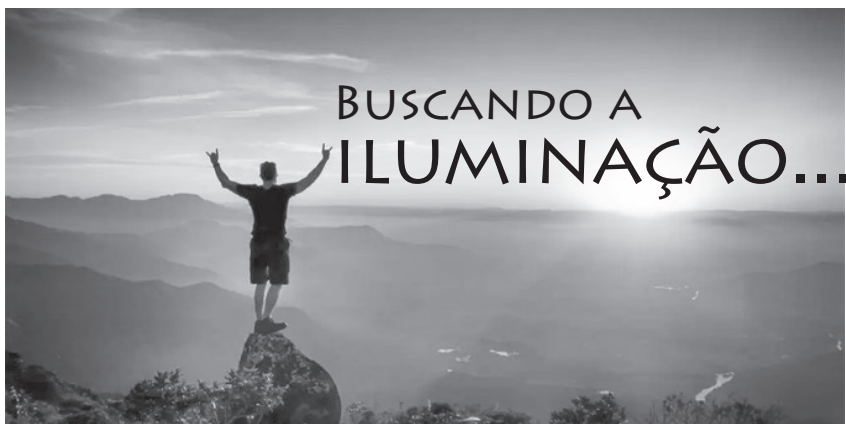
A solitude nos aproxima do Autoconhecimento, do Autoamor e do Autoconhecer-se, sem que isso signifique isolar-se da convivência com nossos semelhantes ou considerar-se independente ou autosuficiente em relação ao convívio social...

A solidão nos esvazia, pois nos torna vulneráveis à auto-vitimização, ao descuido com o fluxo de energias psico-físicas que habitam nosso corpo-mente. Por isso é importante saber que o cultivo da vida interior é responsável por dar à nossa existência um significado enriquecedor / transformador / terapêutico... com a vida interior alimentada, a solidão perde a força... ao passo que, quando alimentamos diariamente o autoencontro no caminho da solitude, vamos nutrindo o espírito de pensamentos, sentimentos e atitudes elevadas, tornando o peso da angústia do medo de sentir-se abandono, esquecido ou sozinho, em um caminho de descobertas curativas na translúcida experiência de sentir-se em consciência desperta, isto é, em solitude...

Que a paz de espírito, fruto da solitude, nos ilumine e nos encoraje no caminho da compaixão e da solidariedade...

Jorge Leão

14 de abril de 2022



Certo dia, um discípulo devoto aproximou-se de seu mestre e perguntou:

- Mestre, existe alguma coisa que eu possa fazer para me iluminar?

O Mestre respondeu:

- Tão pouco quanto o que você pode fazer para o sol nascer toda manhã...

Volta então o discípulo:

- Então, para que todos os exercícios espirituais, toda essa prática que você prescreve?

E o Mestre respondeu:

- Para garantir que você não esteja dormindo quando o sol começar a nascer...

Tradição budista



*“O sentido da existência está
na cor do encontro.”*

Cristino Wapichana
escritor indígena



UMA VISITA DE MARTE...

*S*e, naquele instante, caísse na Terra um habitante, havia de ficar embasbacado, ao verificar que num dia tão maravilhosamente belo e macio, de sol tão dourado, os homens, em sua maioria, estavam metidos em escritórios, oficinas, fábricas e fechados dentro delas.

E se perguntasse a qualquer um deles: “Homem, por que trabalhas com tanta fúria, durante todas essas horas com o sol brilhando lá fora?”

Ouviria essa resposta: “Para ganhar a minha vida...”

E, no entanto, a vida lá estava se oferecendo toda bela, numa gratuidade milagrosa. Os homens viviam tão ofuscados por desejos ambiciosos em acumular mais e mais, que nem sequer se davam conta da beleza da natureza. Nem com todas as conquistas da inteligência tinham descoberto um meio de trabalhar menos para viver mais. Agitavam-se na Terra, mas não se conheciam uns aos outros, não se amavam como deviam.

A competição os transformava em inimigos e havia muitos séculos atrás tinham crucificado um profeta que se esforçara para lhes mostrar que todos eles eram irmãos, apenas e simplesmente irmãos e irmãs uns dos outros.

Érico Veríssimo, em “Olhai os lírios do campo”.

Quando começou o nosso erro?

Sentimos hoje a urgência de estabelecer uma paz perene com a Terra. Há séculos estamos em guerra contra ela. Ultimamente se transformou numa guerra total, porque com as novas tecnologias a atacamos em todas as frentes, no ar, no solo, no mar, no interior da matéria e no coração da vida. Enfrentamo-la de mil formas no intento de dominar suas forças e de aproveitar ao máximo seus serviços. Temos conseguido vitórias, mas a um preço tão alto que agora a Terra parece se voltar contra nós. Não temos nenhuma chance de ganhar dela. Ao contrário, os sinais nos dizem que devemos mudar, senão ela poderá continuar sob a luz benfazeja do sol, mas sem a nossa presença. A Terra pode viver sem nós e até melhor. Nós não podemos viver sem a Terra.

É tempo de fazermos um balanço e nos perguntarmos:

quando começou a relação hostil com a Terra? Podemos datar o começo de nosso erro?

A maioria dos analistas diz que tudo começou há cerca de dez mil anos com a revolução do neolítico, quando os seres humanos se tornaram sedentários, projetaram vilas e cidades, inventaram a agricultura, começaram com as irrigações e a domesticação dos animais. Isso lhes permitiu sair da situação da penúria de, dia após dia, garantir a alimentação necessária através da caça e da coleta de frutos. Então, com a nova forma de produção, criou-se o estoque de alimentos que serviu de base para montar exércitos, fazer guerras e criar impérios. Mas se desarticulou a relação de equilíbrio entre natureza e ser humano. Começou o processo de conquista do planeta que culminou em nossos tempos com a tecnificação e artificialização de praticamente



todas as nossas relações com o meio ambiente.

Estimo, entretanto, que esse processo começou muito antes, no seio mesmo da antropogênese. Desde os seus albores*, cabe distinguir três etapas na relação de ser humano com a natureza.

A primeira era de interação. O ser humano interagiu com o meio, sem interferir nele, aproveitando de tudo o que ele abundantemente lhe oferecia. Prevalecia grande equilíbrio entre ambos.

A segunda etapa era a da intervenção. Corresponde à época em que surgiu, há cerca de 2,4 milhões de anos, o *homo habilis* (o homem hábil). Esse nosso ancestral começou a intervir na natureza ao usar instrumentos rudimentares, como um pedaço de pau ou uma pedra, para melhor se defender e se assenhorear das coisas ao seu redor. Inicia-se o rompimento do equilíbrio original. O ser humano se sobrepõe à natureza.

A terceira etapa é a da agressão. Coincide com a revolução do neolítico à qual nos referimos anteriormente. Aqui se abre um caminho de alta aceleração na conquista da natureza. Após a revolução do neolítico sucederam-se as várias revoluções, a industrial, a nuclear, a biotecnológica, a da

informática, a da automação e a da nanotecnologia. Sofisticaram-se cada vez mais os instrumentos de agressão, até penetrar nas partículas subatômicas (topquarks, hadrions) e no código genético dos seres vivos.

Em todo esse processo se operou um profundo deslocamento na relação. De ser inserido na natureza como parte dela, o ser humano transformou-se num ser fora e acima da natureza. Seu propósito é dominá-la e tratá-la, na expressão de Francis Bacon, o formulador do método científico, como o inquisidor trata a sua vítima: torturá-la até que entregue todos os seus segredos. Esse método é vastamente imperante nas universidades e nos laboratórios.

A Terra como Gaia (superorganismo vivo) não consegue sozinha se autorregular. O estresse pode se generalizar e assumir formas catastróficas. Temos de reconhecer nosso erro: o de termo-nos afastado da natureza, esquecendo que somos Terra, que ela é o único lar que possuímos e que nossa missão é cuidar dela. Devemos fazê-lo com a tecnologia que desenvolvemos, mas assimilada dentro de um paradigma de sinergia e de benevolência, base da paz perpétua tão sonhada por Kant.

A tecnologia está tão impregnada em nosso ser que

ela se tornou parte de nossa natureza concreta. Não dá mais para imaginar a existência humana sem os instrumentos que usamos para produzir os alimentos, para organizar nossa vida social, para cultivar nosso espírito, pelo vasto instrumental pedagógico, pelas avenidas de comunicação que nos colocam em contacto uns com os outros. Descobrimos que somos essencialmente seres culturais.

Não dispomos, biologicamente, de nenhum órgão especializado, como o possuem os animais. Nem sequer temos um habitat próprio. Temos de assegurar nossa sobrevivência interferindo no meio ambiente e prolongando nossos órgãos pelos instrumentos tecnológicos que inventamos.

A questão não é a intervenção ou não nos processos da natureza. Sempre interviemos. A questão é o modo como o fazemos, a justa me-

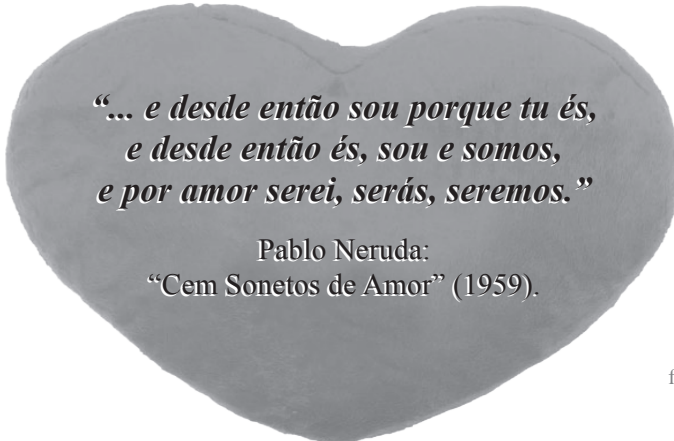
dida que cumpre assegurar entre a satisfação de nossas necessidades e o quanto de intervenção para que se mantenha a harmonia necessária para que ambos possam continuar em sinergia e em paz.

Essa justa medida foi perdida. Ela nos levou a um impasse global. Se não a resgataremos, colocamos em risco nosso futuro. A Terra é Mãe generosa. Mas pode se mostrar feroz para aqueles que não respeitam seus ritmos e sua natureza. Temos de escolher: ou refazer a aliança de convivência e de mutualidade ou correr o risco de não continuarmos mais sobre este esplêndido planeta, destinado a ser o nosso lar.

VOCABULÁRIO:

- * albores: alvorecer.

*Fonte: BOFF, Leonardo.
Cuidar da Terra, proteger
a vida – como evitar o fim
do mundo. Rio de Janeiro:
Record, 2010, p. 52 – 55.*



*“... e desde então sou porque tu és,
e desde então és, sou e somos,
e por amor serei, serás, seremos.”*

Pablo Neruda:
“Cem Sonetos de Amor” (1959).



AMOR EM CONSTRUÇÃO, TODOS DIAS UM TIJOLO NOVO...

Na contramão do pensamento corrente, que tantas vezes entende o amor como sinal de fraqueza e irracionalidade, acreditamos que o amor é mais do que um sentimento — é uma ação capaz de transformar o niilismo, a ganância e a obsessão pelo poder que dominam nossa cultura.

Quando nos permitimos conhecer o verdadeiro amor, quando amamos de verdade, é possível enxergar com olhos de admiração; é possível transformar cada momento presente e sonhar, pois as ações de cada dia transbordam em bem querer. Esse é o poder do amor. O amor cura.

Amor não é um sentimento de carinho e demonstração de afeto que se desenvolve entre seres que possuem a capacidade de o demonstrar. O amor permite que nos desapeguemos do medo, e cultivemos amor-próprio, este que é a base de nossa prática amorosa diária.

Ao dar amor a nós mesmos, concedemos ao nosso ser interior a oportunidade de sentir o amor incondicional que talvez tenhamos sempre desejado receber de outra pessoa, experimentemos vivê-lo, cuidar de si e permitir-se ser cuidado pelo outro. Assim, o amor é uma construção. Ninguém ama de repente, amar é ter uma história, senão são só paixões. E tem que ter companheirismo, sinceridade, respeito, amizade... ele é tão intenso que chegamos a perceber a RECIPROCIDADE.

Com calma e paciência, esse sentimento cresce mais a cada dia. Um relacionamento passa a ser uma história de superação. Os desafios apareceram, e são muitos, e os obstáculos também, mas juntos podemos superar todos se fortalecendo, fazendo desta a

razão de viver, e para manter uma boa convivência, exercitamos ferramentas eficientes e gentis através da disposição de amar, visando lidar com os conflitos da melhor forma a não magoar ou ofender o outro. Respeito é tudo.

Buscar aceitar-se reconhecendo suas qualidades e aceitando as suas imperfeições torna a vida mais suave, afinal, todo mundo tem! Aprender a curtir o tempo presente, desfrutar do caminho. Não há nada que as pessoas possam fazer para evitar que a idade aumente todos os anos, porém, sentimo-nos muito melhor quando percebemos que estamos aproveitando cada minuto de vida. Por isso, não miremos no passado, curtamos o momento presente e credi-

tem: o porvir será melhor, feliz e próspero!

Se em algum momento durante a jornada algo não saiu como gostaríamos, percebemos que reclamar não muda. Por mais que seja difícil passar por mudanças, muitas vezes nos vimos sair da zona de conforto e agir com temperança. Como é lindo sentir que investimos tempo e esforço para mudar de fato; investir não diz respeito só a dinheiro, mas também à emoção e ao tempo necessário para promover grandes mudanças. Com determinação e muito amor, conseguimos chegar até aqui, e chegaremos muito mais além.

Fraterno e afetuoso abraço,

*Rubens Carvalho, Conselho
Diretor Nacional do MFC.*

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇





ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO: QUEM É O PÚBLICO PARA O QUAL ESCREVO?

Por Rogério Henrique Castro Rocha,
Poeta, escritor e advogado ludovicense

Escriver é um ato solitário. Em essência, trata-se, ao mesmo tempo, de um ausentar-se do mundo exterior e um abrigar-se no universo que vive no íntimo de cada um de nós.

Na escrita, trafega-se do fora para dentro e do dentro para fora, num movimento pendular entre momentos de conversa com suas próprias ideias e outras com o mundo da vida, que dele nos convoca a tomar parte. Afinal, é lá que a maioria de nós vai buscar elementos para desfiar suas falas imaginárias, construir seus diálogos, plasmar cenários, personagens, fazer versos, desenvolver teses ou ensaios.

A criatividade também entra nesse complexo de coisas referenciáveis no plano das ma-

quinações do autor. A um fluxo de livres pensamentos, ordenados posteriormente talvez por uma estrutura que acolha alguma lógica ou a pura sensibilidade, somam-se eventos múltiplos que desfilam diante das visões formadas pela assunção do desejo de algo dizer, contar, expressar.

Nessa dinâmica processual, obras vem a lume (para o gosto ou desgosto do leitor). Sim. Aqui está ele: o leitor. O destinatário do objeto final da produção literária. Razão de ser teórica e prática de quem escreve. Afinal, só há livros porque há leitores. E um leitor torna-se o que é justamente por causa da existência do livro.

Mas será mesmo que quem escreve tem em mente sem-

pre uma pessoa específica? E se for, quem é esse outro que me decifra, que me interpreta e que desvela as entrelinhas do que produzo? Esse ele ou ela para quem direciono o que compõe o meu modo de querer dizer o mundo.

Há pelo menos três tipos de escritores: os que escrevem para si; os que escrevem para os outros (o público) e os que escrevem para si e para os outros.

No primeiro tipo temos escritores e escritoras inseguros quanto a suas reais qualidades. Geralmente em formação, temem mostrar suas produções a outrem, com medo da reprovação, da crítica mais pesada ou mesmo do simples desprezo. São tímidos e não conseguem imaginar terem devassadas suas inquietações mais íntimas, seus devaneios, personalidades, sonhos e loucuras. São autores e leitores de si mesmos – aliás, não nos esqueçamos, o autor é também sempre o seu primeiro leitor. No segundo tipo, ou seja, dos que escrevem para os outros, há os que escrevem para seus pares (autores e autoras) e para os críticos. Esses, decerto, possuem a tarefa mais inglória. Carregam a pedra mais pesada. Serão julgados pela plateia mais exigente e também mais apta a construir ou destruir reputações. O último tipo, por fim,

representaria, a meu sentir, a melhor equalização do problema.

Levando em conta tais possibilidades, que não devem deixar de ser sopesadas, podemos nos perguntar, afinal, sobre o peso que essa questão deve ter para uma escritora ou um escritor. Nesse sentido, cabe formular o seguinte questionamento: o outro para quem escrevo será sempre alguém real? Ou será na verdade um leitor imaginado?

Caberia dizer que, se é certo que não se pode afirmar peremptoriamente que sabemos sempre quem é esse ou essa que nos lê, é possível prospectar um universo delimitado de potenciais leitores, gente que de alguma forma pode nutrir um relativo interesse por certas temáticas, certos estilos, certas escolhas artísticas, e arriscar a mira em torno de nichos de mercado.

Daí o porquê dos gêneros, e sobretudo dos subgêneros, em literatura, apostarem muito, de tempos em tempos, em certos modismos, capazes de chamar a atenção de parcela significativa dos consumidores do produto livro.

Temas como vampiros, sobrenatural, magia, aventura, mundos fantásticos, distopias, obras oriundas de adaptações

de filmes, séries, desenhos animados, revistas em quadrinho e peças teatrais, por isso, acabam tendo lugar nas prateleiras das livrarias com mais frequência.

Retornando à questão lançada acima, e ampliando-a um pouco mais, diria que todo leitor, de alguma forma, acaba por transformar-se também numa ideiação. Um leitor que, em princípio, é sempre um anônimo para mim, razão pela qual é mais fácil converter-se num tipo idealizado, numa expectativa ligada à imagem de alguém que, penso, provavelmente guardaria algum interesse em relação ao conteúdo daquilo que escrevo.

O leitor padrão recebe as tintas da suposta mediania, fazendo com que a escritora ou o escritor o crie em paralelo ao que escreveu, imaginando os prováveis olhares que poderão recair sobre suas obras. Deste modo, um acadêmico que publica um livro baseado num estudo re-

alizado na universidade, ou durante a pós-graduação, por exemplo, partirá do princípio de que os prováveis compradores advirão do mesmo meio pelo qual transita. Enquanto isso, o autor infanto-juvenil, por exemplo, tem em mira um universo de crianças e jovens em fase de formação (os chamados “pequenos leitores”) e quase nunca, ou dificilmente, leitores adultos.

Ainda assim, tendo claro ou não o real destinatário de sua obra, o autor literário termina, por certo, tendo que encarar a eterna angústia de não saber quem é o seu público real. E mais: se ele existe, que perfil terá. E se tiver um perfil definido (o que não é impossível), compreender que, para além das faces que um dia possa perceber, haverá sempre esse reino de mistérios, situado entre o real e o imaginário, envolto na perspectiva de uma quase ficção. A de que existe mesmo “o leitor”, “um leitor”, “as leitoras”, aguardando, em algum lugar, para apreciar meu próximo texto.

*“Nós educamos pela
reverberação. Aquilo
que nos torna humanos
reverbera.”*

Daniel Munduruku, escritor
e educador indígena





1 – Eles não usam Black tie, Brasil, 1981.

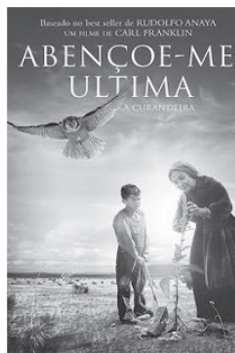
Direção de Leon Hirszman, baseado na peça de Gianfrancesco Guarnieri.

Otávio é um militante sindical que organiza um movimento grevista para resistir às práticas exploradoras de uma metalúrgica, na qual seu filho Tião também trabalha. Mas, com a namorada grávida, o jovem resiste à greve para não perder o emprego. O filme traz também o debate sobre o processo repressor sobre a classe trabalhadora e a luta de classes que caracteriza o movimento de resistência operária no Brasil.



2 – Pra frente, Brasil, Brasil, 1982. Direção Roberto Farias.

Após ser confundido com um ativista político, um pacato cidadão da classe média é preso e torturado por agentes federais durante a euforia do milagre econômico brasileiro e da Copa do Mundo de 1970.



3 – Abençoe-me última: a feiticeira. Direção: Carl Franklin, 2013.

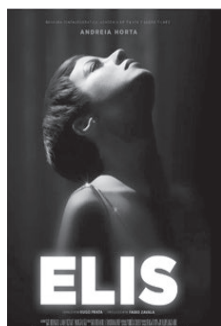
Durante a Segunda Guerra Mundial, um pequeno garoto e uma curandeira idosa unem forças para tentar impedir a batalha no vilarejo em que moram, no Novo México. O drama é centrado na relação de proximidade entre o menino e curandeira que o ajuda a lidar com a batalha entre o bem e o mal que ameaça sua aldeia.



4 – A voz empoderada, Índia, 2022. Direção: Sanjay Leela Bhansali.

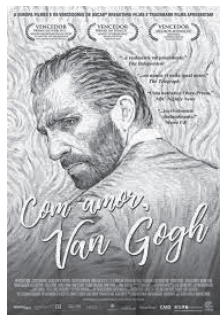
O longa conta a história de vida da jovem Ganga (Alia Bhatt). Ela foge de casa para ser uma estrela de cinema, mas é iludida por seu namorado e vendida para um Bordel em Kamathipura, um bairro pobre de Bombaim.

Mais à frente, a menina vira Gangubai, seu nome para sua nova vida, e, aos poucos sobe de posto, alcançando a liderança do bairro. Contudo, isso não é tudo. Ela se torna a voz dos oprimidos e luta contra a expulsão das mulheres no bairro.



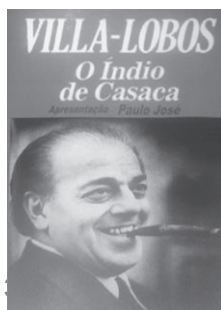
5 – ELIS, Brasil, 2016. Direção: Hugo Prata.

Cantora desde a infância, Elis Regina entra na vida adulta deixando o Rio Grande do Sul para espalhar seu talento pelo Brasil, a partir do Rio de Janeiro. Em rápida ascensão, ela logo conquista uma legião de fãs, entre eles o famoso compositor e produtor Ronaldo Bôscoli, com quem acaba se casando. Estrela de TV, polêmica, intensa e briguenta, a "Pimentinha" não tarda a ser reconhecida como a maior voz do Brasil, em carreira marcada por altos e baixos.



6 – Com amor, Van Gogh. Polônia, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, 2017. Direção: Dorota Kobiela e Hugh Welchman.

Investigação aprofundada sobre a vida e a misteriosa morte de Vincent Van Gogh através das suas pinturas e dos personagens que habitam suas telas. Animado com a técnica de pintura a óleo do pintor holandês, os personagens mais próximos são entrevistados e há reconstruções dos acontecimentos que precederam sua morte.



7 – Villa Lobos – O Índio de Casaca. Brasil, 1987. Direção: Roberto Feith.

Especial, apresentado pelo ator Paulo José, sobre a vida do compositor brasileiro Heitor Villa Lobos (1887 – 1959), um dos mais importantes do século XX. O programa contém depoimentos de personalidades internacionais ligadas à música e reproduz suas principais obras.



Artesanato da Alma

Somos artesãos da alma... Este artesanato corresponde a cultivar em nós a presença atenciosa dos alimentos necessários para uma caminhada que demanda cuidar com esmero da dádiva que nos foi concedida... a própria vida... Fomos agraciados com a maravilha da vida abundante... Os artesãos e artesãs da alma são simbolicamente veículos de permanente manifestação da energia vital que habita em cada ser vivente...

O trabalho artesanal da alma vai implicar em doar-mos nossas mãos neste ofício sagrado, que é compor nosso caminho diário, conjunto de equilíbrio, gratidão e cuidado com tudo o que habita a Mãe Terra.

Sermos artesãos da alma é também compreender que o tempo deste sagrado ofício é mais lento, exigindo de nós um olhar acurado sobre as necessárias composições a serem refeitas dentro de nosso interior... Paciência é uma das grandes e necessárias virtudes do artesanato da alma.

O caminho deste artesanato encontra sentidos múltiplos. Podemos destacar três muito importantes:

1 – O artesão sabe que precisa diariamente continuar aperfeiçoando a obra iniciada com perseverante dedicação;

2 – O artesanato é uma tarefa em processo de aprendizado que cresce à medida que aprendemos com outros artesãos;

3 – Não existem modelos prontos e acabados para a produção de uma obra artesanal, pois cada um de nós pode descobrir suas potencialidades criativas, sem desconsiderar os ensinamentos dos mestres que nos antecederam.

O artesanato da alma é cuidado permanente com aquilo que nos torna mais responsáveis pela condução diária de nosso cuidado com a vida, em constante processo de reinvenção.

Gratidão! Namastê!

*Jorge Leão / Em 17
de abril de 2022.*



Em primeiro lugar, precisamos entender a disciplina como um ato social e não individual. Que tem, porém, uma dimensão individual. Em segundo lugar, quando a gente pensa a disciplina numa perspectiva democrática, não licenciada, nem autoritária, a gente descobre que a disciplina não é uma coisa que existe bela, mas a disciplina é ou se encontra na relação tensa entre autoridade e liberdade. É aí que haverá ou não disciplina.

Não há disciplina fora da liberdade e fora da autoridade. Mas nunca na liberdade em si, nunca na autoridade em si. A disciplina que existisse na autoridade seria a disciplina imposta pela autoridade às liberdades. Isso é autoritário. A disciplina que existisse apenas na liberdade seria a disciplina imposta,

a autoridade que se quebraria, já não seria disciplina, nem liberdade, seria licenciabilidade. A disciplina se encontra na tensão da relação autoridade e liberdade que se concebem espaços e se respeitam.

[...] sem a presença da autoridade e liberdade não se constitui. Dificilmente um grupo de crianças se constituiria livremente sem a autoridade materna e paterna.

Autoridade é um limite. Eu não creio em nada fora do limite. A natureza finita do ser humano precisa de limite. O limite é que me faz a possibilidade. O limite me faz possível, não a falta dele. A inexistência do limite me impossibilita. É a presença do limite que me desafia e me viabiliza. Eu sou eficaz porque há limites. Fora disso eu não creio na liberdade.

O que será de um grupo de estudantes cujo professor entra na classe se os alunos deixam, e o professor dá aula se os alunos querem? Não pode. Aí não vai haver conhecimento, não vai haver liberdade, não vai haver autoridade, não vai haver disciplina, não vai haver nada.

O que seria de uma liderança que ficasse atrás das massas populares. Eu sempre digo que as lideranças revolucionárias nem podem estar demasiado à frente das massas populares porque tenderiam essas lideranças a perder de vista as massas

populares na poeira que elas mesmas fariam. Nem podem ficar demasiado atrás das massas populares. As lideranças revolucionárias têm que ficar ao lado e com as massas. E, de vez em quando, dar um salto à frente e puxar. Vir para trás e dar um empurrão. A posição da liderança é a de quem a move.

Fonte: FREIRE, Paulo.
Pedagogia do Compromisso: América Latina e Educação Popular / organização Ana Maria Araújo Freire. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, p. 84 – 86.

❖❖❖❖❖❖❖❖❖❖ *Frase para reflexão:* ❖❖❖❖❖❖❖❖❖❖



“O coração humano precisa de amadurecimento e constante conversão ao próximo. Mudando o coração e as estruturas, cultivando jardins de esperança por onde passamos, amando o mundo e as pessoas que estão ao nosso redor, vamos afirmando um caminho mais generoso para a existência humana.”

Pr. Henrique Vieira:
“O monge e o pastor”, p. 88.



Reconcilia-te com o teu corpo...

alimentando-o com as sementes do Amor...

*Dá ao teu templo divino a experiência da re-
composição de suas potências curativas...*

*Isto é o que se denomina, numa abordagem tera-
pêutica, de processo de autodescoberta...*

*A experiência terapêutica é uma vida de construção que
implica em lançar-se de corpo, mente e espírito...*

Rever atitudes no encontro de nossas possibilidades...

Refazer a estrada na abertura do novo...

*Reconciliar-se com os nossos processos de acei-
tação, compreensão e tomada de decisão...*

Reconstruir o modo de habitar o corpo...

Reverendo hábitos e posturas...

*Refazer a rota no caminho de uma interconexão com
as potências curativas das sementes do Amor...*

Inspirando luz...

Transpirando amor...

Namastê!

Jorge Leão

MFC IGREJA VIVA DE JESUS CRISTO

SOLANGE CASTELLANO F MONTEIRO

JOSÉ AIRTON MONTEIRO

MFC/ Rio de Janeiro

O Movimento Familiar Cristão iniciado há 67 anos traz uma caminhada em seu SER, sua Vida e sua Ação com muitas contribuições para a humanização, justiça e misericórdia de diferentes famílias. Sua rede de conexão está presente em todo o Brasil, América Latina e Mundo.



Sua repercussão transformadora em todos os espaços fez brotar questões diversas que até hoje ainda revitalizamos em nossas equipes base, reuniões de nossa teia, encontros e até dentro da hierarquia da Igreja.

Uma delas é se o MFC é DA IGREJA ou DE IGREJA?

A reflexão dessa questão sempre percorreu de norte a sul do nosso país. Concordâncias e discordâncias naturais aconteceram e ainda acontecem. Seja por seus membros ou pelo conjunto da nossa Igreja Católica. Dentre os diversos aspectos dessa reflexão, o que predomina é a direção tomada por esse movimento e se atende ao processo de evangelização das famílias dentro e fora da Igreja.

Atuando em diferentes pastorais, participando junto da CNBB e diferentes dioceses, a frente de encontros de noivos, do engajamento em pastorais familiares e tantos outros serviços, o MFC esteve sempre comungando com a IGREJA.

Sua decisiva contribuição para o amadurecimento da Fé nunca deixou de ter reflexos duradouros sobre os que dele participam. Suas grandes linhas principais, diagnósticos das reali-

dades através dos tempos, desenvolveram denúncias e claras opções pastorais nele contidas. Vários serviços foram criados em prol dos necessitados e sua ação profética trouxe a abertura para acolher todas as famílias sem nenhuma discriminação. É só pegar seus documentos, livros publicados e nas reflexões nos diversos números da revista "Fato e Razão".

Ao reler um artigo da "Fato e Razão" nº 7, sob o título "que igreja?" (p. 56), o autor, nada menos que Paulo Freire, já lembra que "não podemos falar de igreja de forma abstrata". Ou seja, Igreja como algo que não seja concreto com suas formas de ser no mundo vivo e atuante. Uma "instituição que tem uma história e faz história" no mundo. Uma instituição profética e portadora de esperança. No entanto, ao olharmos a história dessa mesma instituição, como nos diz alguns teólogos, ela também é uma criação santa e pecadora.

Dito isso, e voltando ao artigo, o autor apresenta três tipos de igreja. São elas:

1- "UMA IGREJA TRADICIONALISTA"

Aqui ele adverte sobre uma igreja profundamente colonial. O que quer dizer uma igreja que se preocupa com a missão de "conquistadora de almas".

Creio que cabe uma lembrança do meu catecismo: o padre só ameaçava e falava em fogo eterno, sacrifícios, "vale de lágrimas". Meu medo era enorme de ir para o inferno e sonhava constantemente com demônios. Em minha ingenuidade, essa igreja tradicionalista me fazia participar de tudo da igreja com o objetivo de não ir para o inferno.

Nesse sentido, essa igreja "escraviza" pelo medo e pela ameaça, como nos tempos coloniais. Nessa Igreja o padre ocupa uma posição de salvador e senhor dos leigos que ficam impotentes pelo fatalismo. A igreja torna-se o espaço do silêncio dos laicos os quais onde a única voz a ser ouvida são dos dogmas e interpretações mais ancorada no Velho Testamento do que no Jesus Cristo vivo do Novo Testamento. Distanciando Fé e Vida como Jesus sempre o fez a serviço da construção do Reino.

Essa igreja fica fechada em si mesma e ignora a vida pulsante sem observar um Jesus Cristo acolhedor.

2- “UMA IGREJA MODELO À PASSAGEM PARA A MODERNIDADE.”

O autor apresenta a existência de uma igreja com uma posição nova assumindo uma superação das estruturas coloniais e tradicionais, mas ainda engessada ao poder, elitismo e discriminação. Essa igreja vai incluindo os leigos, mas ainda em uma estrutura de quem tem o saber, o conhecimento, é capaz de dar respostas para a mudança na própria igreja. Os diferentes interesses, dentro da própria igreja, dominam seus espaços e seus leigos disputam o conservadorismo e tradicionalismo, com a dependência de seus partícipes a ações pastorais ainda em estruturas muito discriminatórias e assistencialistas. No entanto, esse momento da igreja, também se confronta com uma igreja aberta à mudanças. Nesse momento, inúmeros conflitos passam a ser desenvolvidos em seu interior. Todavia, como nos diz o autor “As igrejas modernizantes dão a impressão de se estarem a mover quando, afinal, permanecem paradas. Criam a ilusão de que avançam, mas estabilizam-se cada vez mais. É como se revivessem hoje a tentação dos apóstolos depois da transfiguração: ‘Por que não ficamos aqui, Senhor? Está-se tão bem neste lugar(...)’”

A terceira igreja descrita por Paulo Freire é:

3- “UMA IGREJA PROFÉTICA”

Essa Igreja, em contraste com as outras duas, o autor apresenta como forma de uma igreja que recusa toda forma estática de pensamento, “uma igreja que aceita morrer para renascer”. Ou seja, escolhe tornar-se para poder ser, vive, em cada momento, a tensão dramática entre o passado e o futuro, entre ficar e partir, entre a Palavra e o silêncio que cala o protagonismo de todos. Para essa igreja o que fica em evidência é “nós nos salvamos” em detrimento do “eu sei”, “eu liberto-me”, “eu salvo-me”. Assim, como nos diria O teólogo padre Alfonso Garcia Rúbio (em seu livro “O Encontro com Jesus Cristo VIVO”, Editora Paulinas escrito em 1994), uma igreja de Jesus Cristo VIVO na “missão de servidor assumida por Jesus Cristo em conformidade com a vontade de Deus-Ágape, do Deus da vida e da libertação” (p. 164).

Desse modo, podemos concluir que o MFC É IGREJA. Isso porque o MFC não é palavras e coisas estáticas. Ele é MOVIMENTO, mas com um olhar diferenciado para uma vivência de amor e de uma paz inquieta, inconformada, que sonha com a justiça e humanização das famílias. Ele é anúncio e denúncia, porque a evangelização se dá na prática da misericórdia, da caridade, da

justiça, da inclusão, do amor incondicional aos necessitados e toda a pedagogia de um Jesus Cristo vivo e humano obediente ao projeto do Reino de Deus Pai.

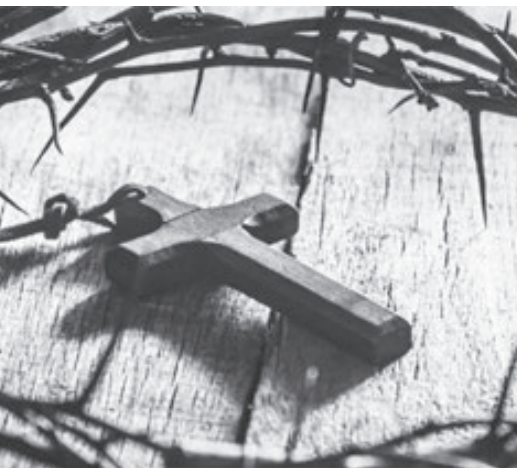
Pensemos, mas também procuremos sentir um movimento verdadeiramente profético.

A discussão de ser um MFC DA IGREJA ou DE IGREJA nos amplia para a necessidade de enxergarmos uma animação de que precisamos retomar o livro "Eis o MFC" para entendermos que ele É a IGREJA em movimento. Igreja que sai para SER VIDA E AÇÃO no acolhimento de TODAS as famílias, como nos pede o Papa Francisco.

Assim, ao ser igreja de Jesus Cristo, no aqui e agora, sere-mos o melhor MFC possível de nossos tempos.

1. Meu grupo base conhece o Livro "Eis o MFC: Sua Vida, Seu Ser e Sua Ação"?
2. Existe algum ponto nesse livro que identifico com o MFC de minha cidade?
3. Que pontos destacamos de nossa formação espiritual que lembra o texto "MFC IGREJA VIVA DE JESUS CRISTO"?
4. O MFC é realmente profético?

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



***“A perseguição é algo
necessário na Igreja.
Sabem por quê?
Porque a verdade
sempre é perseguida.
A Igreja que cumpre
com seu dever não pode
viver sem ser
perseguida...”***

Dom Oscar Romero, em 29 de
maio de 1977.

EXERCÍCIO ALTERNATIVO PARA CAPTAR VALORES DO GRUPO

RUBENS CARVALHO

Conselho Diretor Nacional do MFC



O facilitador – moderador deve propor e explicar a dinâmica do círculo participativo, onde quem tem o objeto da palavra tem o poder (criar um instrumento da palavra), e todos devem dar atenção a ele, e assim passar de um em um, até voltar ao facilitador – moderador que escolher para qual lado deve iniciar (esquerda ou direita sua).

Disponer no centro tarjetas e pinceis atômicos em diversas cores (abaixo) sendo que cada pessoa deve escolher a cor da tarjeta que irá utilizar – esta ação não pode ser terceirizada (objetivo sentir características emocionais do grupo – casal); as cores que caracterizam as emoções das pessoas, do casal e do grupo (podemos criar um gráfico com estas informações).

Certificado que todos já pegaram a sua tarjeta, solicitar que respondam com uma palavra a seguinte pergunta: 1 - Qual é seu mundo ideal de família? (Cada um deve anotar individualmente sem consultar ou deixar o outro ver a resposta o que está escrevendo – letras grandes para pre-

encher a tarjeta) – as tarjetas devem ser coladas na parede montando um painel de cores similares; em seguida, pedir que os grupos se reúnam de pé de acordo com a cor que escolheu, e fazer uma segunda pergunta (2 - Descreva como as pessoas tratam umas às outras nesse mundo?) para que o grupo converse, e elegendo uma pessoa para apresentar a síntese da conversa do grupo.

Retornando aos seus lugares, apenas o representante de cada grupo fala, e mais ninguém – o facilitador só acolhe, em seguida (fazer mais uma rodada) pedindo que respondam com uma frase a seguinte pergunta: 3 - Como você quer ser tratado aqui?

Facilitador – moderador faz algumas considerações dando ênfase às questões que mais chamaram atenção no painel, sem ser finalístico – conselheiro e ou modelo (palavras repetidas ou similares).

Em seguida ler o texto a seguir: “Meditação do Grande Céu”: (Comece com alguns minutos de uma meditação, colocando a atenção na respiração. prossiga então com a meditação):

Depois de você ter se concentrado na respiração por alguns minutos, imagine um grande céu azul. Experimente visualizar um espaço bem aberto que parece não ter fim, com nada mais à vista. A vastidão é calma e tranquila. Não há árvores, não há casas, não há pessoas. Não se ouve som algum que interrompa o silêncio do grande céu. Por quilômetros e quilômetros não há nada a não ser o céu azul aberto. Agora imagine que sua mente seja exatamente como esse céu – amplo, tranquilo, calmo.

Às vezes, uma pequena nuvem aparece por cima e flutua pelo grande céu.

Embora você possa vê-la, ela só é um objeto minúsculo se comparada à vastidão do grande céu. A nuvem percorre o espaço aberto até ficar cada vez menor e então desaparece. À medida que você medita, pense em si mesmo como sendo o grande céu. Pensamentos podem surgir repentinamente em sua cabeça – exatamente como uma pequena nuvem – mas eles não ficam para sempre. Logo

eles desaparecem assim como chegaram. Mas não importa como, o céu calmo e infinito continua lá. Você pode perceber sons enquanto medita. Sem problemas.

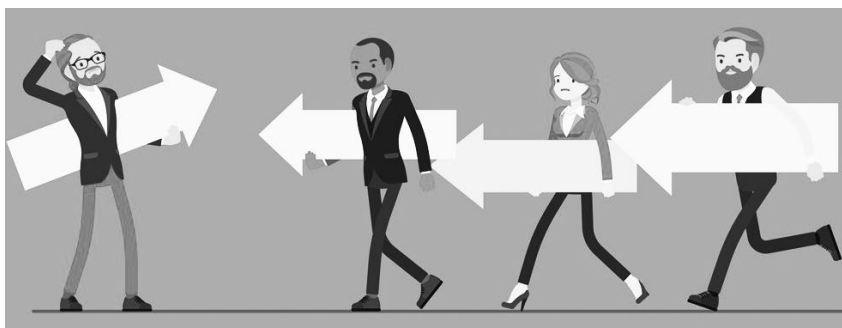
É só mais uma pequena nuvem que logo vai se diluir.

Pensamentos, lembranças, ou grandes ideias podem surgir, mas não são nada demais. Simplesmente diga a si mesmo: “Ei! Outra nuvenzinha no grande céu,” e volte o seu foco para sua respiração e para a calma e a paz do grande céu. De vez em quando nós perdemos a nossa perspectiva no grande céu. Nós olhamos para cima, esperando ver um espaço calmo e aberto, mas, em vez disso, nós vemos nuvens de tempestade e escuridão. Isso é só uma ilusão. Acima das nuvens, o mesmo grande céu está lá – azul, infinito e cheio de luz.

As nuvens podem cobrir o grande céu temporariamente, mas, acima de tudo, a calma perfeita do grande céu está lá. À medida que seu dia passa, você pode tirar um tempo para lembrar o grande céu que lhe cerca. Se alguma coisa irritante ou perturbadora acontecer, você pode visualizar esse céu, um espaço grande, limpo, calmo, aberto ... e ficar com essa imagem até que você se sinta pronto para lidar com qualquer que seja a situação que estiver enfrentando.

Traga agora sua consciência de volta para esta sala. Se seus olhos estiverem fechados, você pode abri-los quando estiver pronto para fazê-lo. Olhe à sua volta e perceba a sala e quem está à sua volta. Dê as boas-vindas a todos.

Valores: honestas e falsas inquietações



DEONIRA L. VIGANÓ LA ROSA

Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia

Observando e ouvindo, percebemos que atualmente há visível inquietação em relação a “perda” dos valores na família e na sociedade.

Nesses tempos difíceis que estamos vivendo no Brasil e no mundo, há a possibilidade de estarmos confundindo conceitos como: valores, moral/moralismo, tradição, conservadorismo, dogmatismo, verdade/mentira.

A questão dos valores é muito complexa.

São os valores que determinam as escolhas que fazemos e os objetivos pelos quais vivemos. O que consideramos como importante ou sem importância, desejável ou intolerável, irá depender dos nossos valores, seja no campo da ética, da política, da economia, da religião ou do mundo das ideias.

Os valores determinam a forma como a pessoa e sociedade se comportam e interagem com os outros indivíduos e com o meio ambiente.

O que cada pessoa elege como valor vai aparecer na sua ação prática, no seu comportamento. São as ações que mostram a força ou a fraqueza do valor.

O valor impulsiona a ação. E a ação, por sua vez, fortalece o valor. Há uma relação circular entre valor e ação. O valor mostra a coerência ou incoerência da prática. E a prática mostra a força ou a fraqueza do valor. Pelas tuas obras saberás como está o valor que escolheste. “De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras?” (Tg 2,14).

Com o passar do tempo, a compreensão dos valores muda. Por isso, os valores

precisam ser partilhados em comunidade e amadurecidos, levando em conta a evolução da compreensão do ser humano e das suas relações, dentro de uma cultura.

Quando há crise de valores?

Existem valores de caráter universal, como amor, solidariedade, ética, educação e outros. Quando, em vez desses valores, se aceitam os antivalores como normais e quando sua prática passa a se expandir na família e na sociedade; quando a família e a sociedade passam a aceitar, por exemplo, a antiética, a violência, o individualismo, a tortura, o consumismo, a mentira, a miséria, o racismo e outros, como sendo “normais” e toleráveis, quando isso acontece, temos instalada a “crise” de valores.

O que fazer?

Baseados nas nossas crenças e nas opções que fizemos em relação a valores, precisamos estabelecer critérios pelos quais vamos pautar nosso comportamento. E ensinar com palavras claras e exemplos que todos somos responsáveis por construir um mundo melhor.

A família é a primeira provedora da ética e da moral

A família foi, é e continuará, de uma forma ou de outra, sendo o núcleo essencial, formador e estruturador do su-

jeito em qualquer sociedade, tempo ou espaço. Entretanto, novas estruturas parentais e conjugais e/ou famílias que possam ter pai, ou mãe, ou filho homoafetivos, não configuram uma crise de valores, desde que prevaleça o afeto, o amor. A crise de valores da família está na prática da violência, na falta de cuidado e de afeto, no desamor, na traição, na falta de educação, na pedofilia e no estupro, na manutenção da ignorância, na desatenção dos órgãos públicos e da sociedade em proporcionar a todos a chance de uma vida digna.

O falso moralista, o fanático, o fundamentalista segue cegamente (e discursivamente) a moral e exige que todas as pessoas sigam os mesmos passos. O moralista se sente um juiz, um “fiscal de alfândega” como o papa Francisco já disse. Ele é quem sabe como os outros devem agir. Como a família deve ser. Discrimina os diferentes, se nega a compreender e aceitar as realidades que dizem respeito a sexo, gênero, cor, diferentes formatos de famílias. O falso moralista impõe aos outros os preceitos que não segue. Não aceita que a família tenha significado plural.

Por isso, se converte em juiz implacável que “salva” ou “condena”, assume atitudes fascistas ou nazistas, com a ilusão da família pura, da ide-

ologia pura, da religião pura. A intolerância às diferenças será sempre um desvio e uma patologia e assim deve ser considerada.

Por que uma família, conjugal ou parental, tão diferente da sua, causa tanto incômodo?

Um raio de luz e um estímulo a todos nós

Vem do grande e renomado teólogo jesuíta, Joseph Moingt, que, aos 100 anos (morreu faz poucos meses aos 104 anos), deu uma entrevista, da qual destacamos as afirmações a seguir:

“O espírito do homem muda constantemente e a própria tradição é essencialmente móvel. Se a fé não se move, o modo de pensar a fé, por outro

lado, se move, muda. Porque o espírito humano é mutável, ele é habitado pela temporalidade, nunca é o mesmo”.

“É preciso se deixar inquietar. É preciso se deixar perturbar pela dúvida. Ousar se interrogar e sair dos caminhos batidos. Ousar seguir em frente. Isso é fidelidade à verdade. Parece-me algo necessário a ser adquirido”.

“A teologia hoje tem de ser feita e ensinada com base nas escrituras, daí a pesquisa com exegetas e historiadores. Seria preciso que a teologia aprendesse a falar todas essas linguagens: da filosofia, da história, da sociologia, simplesmente para pensar a fé com os instrumentos de pensamento da sua época”.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frases para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



“Na verdade, somos uma só alma, tu e eu. Nos mostramos e nos escondemos tu em mim, eu em ti. Eis aqui o sentido profundo de minha relação contigo, porque não existe, entre tu e eu, nem eu, nem tu...”

Rumi
místico persa do século XIII.

O AMOR-PERFEITO NO JARDIM DO REI...



Um rei passou por seu jardim e encontrou suas árvores, arbustos e flores murchos, quase morrendo. O carvalho disse que estava morrendo porque não podia ser tão alto quanto o pinho. Virando-se para o pinho, percebeu que estava murcho porque não podia dar uvas como a videira. A videira, por sua vez, estava morrendo porque não podia florescer como a roseira. Mas encontrou o amor-perfeito florescente e muito viçoso. Ao perguntar, recebeu a seguinte resposta:

“Acreditei que, ao me plantar, você quisesse um amor-perfeito. Se houvesse desejado um carvalho, uma videira ou uma roseira, teria plantado um deles. Então pensei: já que você havia me colocado aqui, deveria fazer o melhor para ser aquilo que você deseja. Não posso ser nada além daquilo que sou, e estou tentando sê-lo da melhor forma que me é possível”

Parábola indiana

Para refletir:

Você está aqui porque essa existência precisa de você tal como é. Caso contrário, outra pessoa estaria aqui! A existência não teria ajudado você a estar aqui, não o teria criado. Você está cumprindo algo muito essencial, muito fundamental, ao ser como é.

QUESTÕES PARA DEBATE:

1 – O que me impede de ser o que sou?

2 – Por que é tão importante o cultivo da auto-aceitação?

3 – Como é trabalhada em nosso contexto familiar e social a questão da identidade e da autoestima?

4 – Compartilhe em seu grupo situações em que a auto-aceitação desponta como elemento fundamental para elevar a autoestima pessoal.





Mianmar / Sufismo Turco / Judaísmo

O jovem príncipe não gostava muito da vida do palácio, então aproveitou a menor oportunidade para fugir e tomar o caminho que levava aos campos verdes e florestas da região. Só ali se sentia em paz, ouvindo o canto dos lavradores arando a terra, absorvendo-se com os reflexos do sol nos riachos e vendo os grilos baterem as asas como violinistas.

Um dia, passando por uma fazenda no caminho de volta ao palácio, notou um velho plantando algumas mudas de cerejeira no pomar perto da casa. Evidentemente, foi preciso um esforço considerável para o homem cavar a terra para plantar as mudas, de modo que o príncipe ficou

intrigado com o muro baixo de pedra que separava a fazenda da estrada.

- Velhote! –disse o príncipe chamando a atenção do velho fazendeiro– Posso perguntar quantos anos você tem?

"Claro, jovem amigo", disse gentilmente o velho, que, embora não tivesse reconhecido o príncipe no jovem, deduzira que devia ser um jovem culto. Tenho oitenta e um anos.

O príncipe arregalou os olhos surpreso.

"E, na sua idade", disse o príncipe, "você não acha que o trabalho que está fazendo é em vão, já que, muito provavelmente, você nunca vai provar as cerejas desses rebentos?"

O velho deixou a enxada e aproximou-se do muro de pedra para conversar melhor com o jovem.

"Você vê aquelas cerejeiras que se estendem para a esquerda da casa?" disse o homem, apontando para além das paredes da casa da fazenda. Essas árvores foram plantadas pelo meu avô. E você vê aquelas outras cerejeiras na colina? –Ele virou para o outro lado para apontar também– Essas foram plantadas pelo meu pai.

"Tenho comido deliciosas cerejas daquelas árvores toda a minha vida, e meu avô nem teve a chance de agradecê-lo por isso. Você não acha justo que eu plante essas cerejeiras, mesmo sabendo que nunca vou provar seus frutos?..."

O príncipe ficou profundamente chocado com o raciocínio do velho.

"As cerejas desses brotos não são para eu comer", continuou o velho. "Elas são para minhas filhas comerem, seus maridos e filhos de minhas filhas, meus netos, muito depois de eu ter desaparecido deste mundo".

Quando, muitos anos depois, o príncipe se tornou rei, sempre deu atenção especial ao cuidado com as áreas rurais de seu reino, pois sabia que eram elas que abasteciam

as cidades de alimentos e recursos, as que davam ao país sua riqueza. Mas, além disso, em todas as questões políticas e estatais, ele sempre teve em mente em suas decisões não apenas a população então existente em seu reino, mas também as gerações futuras, mesmo que chegassem após sua própria morte. Com essas prioridades, o outrora jovem príncipe acabaria entrando para a história como o melhor rei que seu povo já teve.

QUESTÕES PARA DEBATE E REFLEXÃO:

01 – Como administramos o tempo em relação ao que plantamos no presente?

02 – Que lições podemos extrair do texto sobre como lidamos com o que foi plantado antes de nós e o que deixaremos para os que vierem depois de nós?

Adaptado de Grian A. Cutanda (2018). Sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA. Fonte: <http://theearthstoriescollection.org/>





O guerreiro do norte empodera-se por viver o perdão, ampliando a cultura da paz

Nutrido e em pleno estado de gratidão, faço um olhar para o tempo de hoje que transcende em graça, luzes, possibilidades e paz.

Durante estes dias, em Belém do Pará na oficina da ESPERE e em companhia de cada um de vocês, só rescendeu a máxima apontada por Gonçalves Dias em Juca Pirama: "Guerreiros, nasci: Sou bravo, sou forte, Sou filho do Norte;" "Guerreiros, ouvi..."

Ouvi guerreiros, que o tempo urge de nós uma postura nova, renovada e rica em ação, somos estes "guerreiros" que exprimem em sua essência a obstinação de travar uma batalha com tenacidade para realizar o objetivo comum desejado, em fazer deste o melhor tempo de nossas vidas;

Ouvi guerreiros, o grito encapsulado que ronda e se expressa nas relações e re-

lacionamentos entre os seres humanos e com afetividade no tecido social família; façamos ecoar o nosso grito tribal pela cultura da paz, onde o amor, o perdão e a reconciliação são os alicerces para o fortalecimento e construção de um espaço da urbi onde todos somos um;

Ouvi guerreiros, a sabedoria inata que habita em vocês, permitam que ela se manifeste em todas as suas ações, desde o nascimento fostes forjados para o bem, para viver em plenitude, para dar significado a sua existência em prol de uma sociedade mais irmã, justa e fraterna, pois irmanados e em uma mesma direção alcançaremos a tão desejada harmonia global;

Ouvi guerreiros, o coração sendo este a morada dos sentimentos, centro da vossa alma, inteligência e sensibilidade, coloca-o a sua frente

(como escudo), se descortina-
rá diante de ti um mundo de
possibilidades, lança-te com
"tudo que tens, do jeito que
és", e encontrarás refúgio em
outros corações, pois muitos
anseiam pelas mesmas razões
para viver como vocês, em fa-
mília, em sociedade;

Ouvi guerreiros, os gemidos
da terra e dos homens, sede
corajosos e impetuosos no
realizar em direção ao outro,
estando munidos de conheci-
mento (poder), tendo expe-
rimentado o olhar íntimo de
vossas inquietações e sinais
de melhoria, avança através
das águas dos rios desbravan-
do caminhos, usufruam das
renovadas bênçãos percebi-
das através das chuvas que
abundantemente caem sobre
vossas cabeças e vossos lares
continuamente;

Ouvi guerreiros, que o tem-
po é "senhor" de todas as re-
alizações, e este é o momento
de usá-lo com eficácia para ob-
ter melhores respostas diante
da jornada a se imprimir, não
se aprisionem a ele, fechem
os ciclos, sigam com leveza e
dignidade em vossas almas,
e no modo de agir busquem o
perdão e a reconciliação, bus-
quem olhar para frente car-
regado de amor, façam deste
tempo um templo de paz, es-
perança e prosperidade.

E lembrem-se, guerreiros
aguerridos, que: "Nosso céu
tem mais estrelas, Nossos
bosques têm mais vida, nossa
vida mais amores."

Gratidão ESPERE do Norte,
forte e fraterno abraço

Rubens Carvalho

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

***"Quem se apropria da história
dos outros, não reconhece a
dor que há nela..."***

Do filme "O Senhor do Trem"
Brasil, RJ: 2022,
Direção: Aida Queiroz/César Coelho





A Taça de Supriya

Budismo indiano

Tempos de carência e necessidade trazem à tona o melhor e o pior da alma humana, como aconteceu há muito, muito tempo atrás, quando o Buda andou pelas terras da Índia. A fome caiu sobre as cidades da região. As chuvas não vieram, os campos murcharam ao sol e as colheitas fracassaram. Todos nas vilas e cidades lutavam para sobreviver.

Como tantas vezes acontece em tais circunstâncias, há pessoas que prosperam, que enriquecem à custa da miséria e do infortúnio dos outros, e isso também acontecia nos tempos de Buda. Todos os dias um discípulo vinha à sangha do mestre comentando sobre o que ele havia testemunhado ou o que lhe contaram ao longo do caminho.

"Há comerciantes que estão tirando o grão de seus silos para vendê-lo em outros lugares onde podem pagar, e o pouco que vendem aqui, vendem a preço de ouro", disse um discípulo recém-chegado de Varanasi.

"Disseram-me que há pessoas nos campos que se vendem como escravas para serem alimentadas pelos seus senhores", disse outro com uma profunda expressão de tristeza nos olhos.

"Bem, ontem, na cidade, os guardas pagos dos comerciantes esfaquearam um homem que tentou tirar um saco de arroz de seus celeiros", disse outro.

"A maior tristeza é a das crianças nos subúrbios da cidade", disse o Buda, "que passam fome nas ruas, enquanto

os ricos acumulam grãos e leite em seus depósitos.

"Convoque todas as pessoas", disse o Buda levantando-se de repente. "Temos que fazer algo para aliviar a fome dos mais pobres".

Os discípulos do Senhor Buda fizeram o que ele pediu e reuniram centenas de pessoas na grande praça da cidade. As pessoas mais simples e humildes, muitas delas famintas e necessitadas, afluíam, mas também havia muitos comerciantes e pessoas ricas da cidade, pois todos respeitavam o Buda e queriam saber o que ele tinha a dizer.

"Cidadãos dessas ricas terras", disse Buda de um alto pórtico que amplificava o eco de sua voz, "a desgraça caiu sobre a região, mas vocês sabem muito bem que assim que as chuvas chegarem, essas terras mais uma vez os encherão com bênçãos." e eles darão comida suficiente para todos.

"No entanto, até esse momento chegar", continuou ele, "as pessoas têm que sobreviver. Certamente há comida suficiente nas lojas dos mais ricos para alimentar todos na cidade. Se os ricos compartilharem o que têm nestes tempos de escassez, todos vocês poderão subsistir até que venham as chuvas e as colheitas sejam renovadas."

Os mais pobres e famintos entre a multidão se entreolharam com um brilho de esperança nos olhos, mas os ricos franziram a testa, baixaram a cabeça e se mexeram desconfortavelmente. Alguns deles até deixaram a assembleia, jurando que nunca atenderiam a nenhum chamado do Buda.

"Eu não tenho o suficiente para minha família e meus servos", veio a voz de um dos ricos, mentindo.

"Quem é pobre é porque é preguiçoso", disse outro com desprezo. "Aqui cada um é responsável pelo seu destino, e se agora não tem o que comer é porque antes não trabalhava nem se esforçava para criar reservas, como nós fazíamos".

"Há muita gente pobre", acrescentou outro, justificando-se. "Não podemos cuidar de todos. Procure ajuda em outro lugar".

E fez-se silêncio na praça.

O Buda olhou para baixo. Seu coração afundou com a falta de consideração desses homens. Sentindo-se derrotado por não encontrar uma única voz entre os ricos oferecendo para aliviar as dificuldades dos mais necessitados, o Buda perguntou pela última vez:

"Não há ninguém aqui disposto a doar um pouco de comida, para que as crianças dos bairros mais pobres não passem fome?"

O silêncio machucou os ouvidos.

Mas de repente uma pequena voz foi ouvida na multidão.

"Estou disposto, Senhor Buda".

Uma menina, que não poderia ter mais de sete anos, espiou por entre as vestes dos mais ricos. Ela era filha de um comerciante, que tentou em vão impedi-la assim que a ouviu levantar a voz.

"Meu nome é Supriya", disse a garota, "e tenho uma tigela onde posso coletar comida para quem está com fome."

O rosto de Buda se iluminou de alegria.

"Oh pequena! O seu gesto devolveu a esperança ao coração humano. Mas como você vai fazer isso sozinho?"

"Oh não, Senhor Buda, não estou sozinha! — respondeu a menina — "Certamente meu pai, minha mãe e meus irmãos me ajudam. Irei de casa em casa com minha tigela pedindo comida para os pobres, e certamente ninguém me fechará a porta".

O desconforto entre os mais ricos da cidade tornou-

se evidente. Essa garotinha, com sua generosidade e seu compromisso, os colocou no local. Muitos deles se sentiram envergonhados.

"Acho que tenho alguns sacos de arroz na minha loja", o pai da menina levantou a voz, sem ousar olhar para cima.

"Agora me lembro que em um galpão separado uma vez deixei um suprimento de legumes secos para casos como este", veio a voz de outro homem, da casta mais alta.

"Desculpe ter sido tão mesquinho", disse outro com sinceridade, "e ainda mais quando meu pai também passou fome... Supriya, conte comigo para ajudá-la".

Naquela mesma tarde, Supriya começou a percorrer os bairros mais ricos, de casa em casa, oferecendo sua tigela para ser enchida com comida. E, depois que se espalhou a notícia do que aconteceu na praça, ninguém pôde se recusar a lhe dar arroz, leite, frutas ou legumes. No dia seguinte, muitas outras crianças dos bairros ricos juntaram-se a Supriya com suas próprias tigelas, juntamente com os discípulos do Buda e o próprio Buda, para formar um pequeno exército de compaixão.

Por muitas semanas, Supriya foi coletando alimentos nos bairros ricos para depois

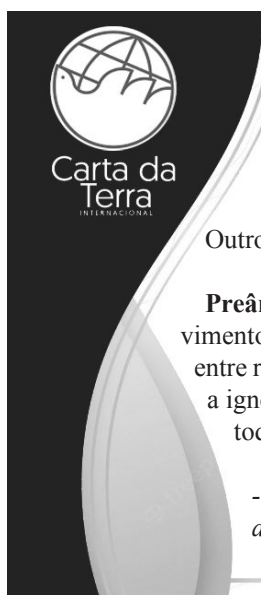
levar para os mais famintos dos subúrbios, caminhando incansavelmente de um lado a outro da cidade. De vez em quando, exausta pelo esforço de tantos dias, a menina adormecia sob a grande figueira que ficava ao lado do templo e, ao acordar, descobria que alguém havia enchido sua tigela e deixado outras

provisões para ela em sacos e jarros para distribuir entre os pobres.

"Às vezes, um coração terno é capaz de amolecer milhares, milhões de corações duros", comentou o Buda a seus discípulos, "e esse coração terno pode ser encontrado escondido em qualquer lugar".

Junto à sua equipe, associe o texto acima com os seguintes trechos da "Carta da Terra":

TEXTO ASSOCIADO DA CARTA DA TERRA



Princípio 10: Promover a distribuição equitativa da riqueza dentro e entre as nações.

- Como foi possível observar tal princípio na história narrada?

Outros fragmentos da Carta que você pode ilustrar

Preâmbulo: A situação atual.- Os benefícios do desenvolvimento não são compartilhados igualmente e a distância entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos se manifestam por toda parte e são causa de grande sofrimento.

- O texto oferece alguma solução para a situação acima descrita?

Adaptado de Grian A. Cutanda (2018).
Sob licença CreativeCommons CC BY-NC-SA.
Fonte: <http://theearthstoriescollection.org/>



Natureza e meio ambiente na tradição dos povos indígenas...

De maneira geral, o Ocidente se retira do elemento “natureza” e passa a ser o observador ou o “intérprete da natureza”. Isso faz parte de uma narrativa que colocou o ser humano ocidental como “senhor de tudo”, que deveria dominar, criar propriedades. Esse é o pensamento ocidental, e por conta disso tudo aquilo que não se encaixa em nossa caixinha acabamos por negar ou compreendendo mal.

Com isso, ficamos tão acostumados a pensar numa única direção, que não conseguimos conceber que haja outras possibilidades de pensar o nosso espaço e a nossa mesma existência, porque pensar a nossa existência pelos olhos dos outros normalmente é nos tirar o nosso próprio conforto. É

importante dizer isso, porque quando um indígena fala do lugar de seu pertencimento, ele está falando de uma outra compreensão de mundo, de realidade, que se choca frontalmente com a visão ocidental. Nós aprendemos, dentro do Ocidente, que existe a natureza e existe a cultura, que nós somos parte da cultura, nos distanciamos da natureza e a natureza vira um lugar que olhamos a partir da perspectiva de fora, como se nós fôssemos os únicos a dominá-la, a desejá-la e a possuí-la, produzindo conceitos como “propriedade”, “sustentabilidade”, criando tais conceitos para ver se encaixam minimamente no poderio ocidental que vamos sempre construindo.

Isso tem muito a ver com uma concepção de tempo. No

tempo ocidental, linear, tudo caminha para frente, apostando suas fichas em um futuro possível. Assim, tentamos construir esse futuro sem nos preocuparmos, de fato, com o presente. Na verdade, queremos estar o tempo todo no futuro e não no presente. Então, o tempo ocidental é o tempo do relógio, é o tempo da riqueza, da produção, do acúmulo, da disputa. É o tempo de correr atrás do tempo, porque nos ensina por aqui que tempo é dinheiro. Então nós vamos o tempo todo sendo jogados a um tempo que nós não temos e aí esquecemos de viver o tempo que nós temos e esse tempo é o presente que nós chamamos.

Nós aprendemos a ser assim, a achar que a vida faz sentido quando acumulamos coisas. Daí vem aquela pergunta que sempre fazemos a nossas crianças: "o que você vai ser quando crescer?". Toda vez que perguntamos isso a uma criança, nós já estamos entendendo, projetado em nós, que a criança não é nada, sendo ela um projeto, um vir a ser. Portanto, ela não pode ser alguém agora, pois só será alguém mais tarde e esse alguém está quase sempre ligado ao tanto de riqueza que ela vai acumular ao longo da vida. "Quanto mais alguém tem, mais ele é", é esse o *modus operandi* do Ocidente...

Já para os povos indígenas, a compreensão do tempo está ligada ao tempo da natureza. Na natureza o tempo é cíclico, pois ela está o tempo inteiro se desdobrando sobre ela mesma para se renovar. Os ciclos anuais são isso, um desdobrar-se sobre si mesmo. As estações do ano nos lembram que a natureza precisa de um tempo para se renovar, para chegar à estação seguinte. E nós não podemos desejar que o inverno corra e antecipe a primavera que vem pela frente. A natureza, dizia um sábio do século XVII ou XVIII, não dá saltos, para justificar que a natureza tem o tempo dela. E esse tempo é o tempo da circularidade. O povo indígena entende o tempo exatamente desse modo, compreendendo a si mesmo como parte incompleta da natureza.

E por que somos uma parte incompleta da natureza? Porque nós nascemos incompletos. Uma onça nasceu onça, tendo em si todas as capacidades, ela não aprende a ser onça. Nós humanos precisar aprender a ser humanos. E é exatamente nesse distanciamento entre natureza e cultura que nasce a necessidade de produzirmos os instrumentos. Como não nascemos sabemos tudo, como uma onça, uma árvore ou um pássaro, nós precisamos construir instrumentos, ou

seja, fazer cultura. Por isso, cada povo nasce nesse mundo que vivemos, construindo esses instrumentos de acordo como ele se enxerga parte da natureza.

Quando o povo indígena olha para a natureza, vê a si mesmo, porque a natureza quando olha para o indígena, o enxerga dessa maneira. Nós somos a natureza e a natureza é nós. E assim vamos gerando alternativas para podermos responder à nossa própria necessidade humana. Usamos, portanto, os instrumentos para nos humanizarmos cada vez mais. A cultura deveria ser uma forma não de nos separarmos demais da natureza, mas para nos completarmos, colocando-nos cada vez mais em unidade com essa natureza.

O indígena se entende assim, daí a pergunta que nunca fazemos a uma criança indígena é: "o que você vai ser quando crescer?", porque já sabemos que ela não será nada, porque entendemos que ela já é tudo, assim como o inverno traz em si tudo o que ele precisa ser. Ninguém precisa ficar antecipando o inverno; ele precisa ser plenamente inverno para que contribua em uma renovação em todo o sistema vivo. A natureza é sistêmica, onde tudo precisa um do outro como uma teia.

Os povos indígenas não se sentem separados da natureza. Eles se sentem um com ela, pois é na natureza onde tudo acontece. As origens de nosso povo tem a ver com a natureza, com o centro da Terra. Os nossos cantos e danças têm a ver com os elementos que compõem a natureza. A nossa pedagogia de transmissão de saberes tem a ver com a ideia de pertencimento. Não queremos de uma criança a não ser que ela seja plenamente criança, porque daqui a pouco ela vai mudar de estação, vai mudar de fase de vida, e na nova fase não precisará mais ser criança, pois já terá ultrapassado essa fase, sendo plenamente jovem, passando em seguida por um ritual de maioridade, tornando-se um adulto.

Nós precisamos de adultos plenos, pois são eles que vão educar as crianças que irão nascer. Se tudo der certo, esses jovens terão filhos que gerarão filhos, e então eles serão avós e os avós serão aquele ponto de ligação entre a criança e o velho. Por isso dizemos que a criança é aquele que tudo pode e o velho é aquele que tudo sabe. Eles ligam as pontas da tradição e o avô ensina o espírito da criança e do jovem. Os pais educam o corpo, os avós educam a alma e aí o ciclo se completa. Por isso o pensa-

mento da circularidade e do pertencimento.

Os povos indígenas dependem da Terra, não da Terra objeto, mas da Terra simbólica, porque é nessa Terra que ele enterra os seus mortos. Portanto, ali vira um espaço sagrado. O povo munduruku não tem cemitérios, porque enterramos nossos mortos dentro de casa, no quintal e quando nos mudamos de um espaço para outro, pois fazemos de vez em quando a mobilidade, a fim de fazer a Terra descansar para podermos voltar a produzir. O nosso povo entende que aquele lugar é um lugar sagrado. Então, tudo vira um grande campo santo, toda Terra vira um lugar sagrado, pois tudo tem a ver com sacralidade. Então cantamos e dançamos para honrar aquele espírito de nossos ancestrais.

As pessoas na cidade vão achar que isso é só falta do que fazer, porque na cidade temos que estar o tempo inteiro produzindo, o tempo inteiro enriquecendo alguém, estando o tempo inteiro nessa paranoia de dominar, inclusive, o próprio tempo. De modo que, quando um indígena pensa a natureza e o meio ambiente, ele está pensando em um parente, como uma troca necessária a ser feita, pois a natureza oferece todas as coisas (a comida, a

beleza) e nós, em troca, oferecemos o cuidado, o respeito e depois o nosso próprio corpo. Desse modo, a compreensão de meio ambiente é a compreensão de pertencimento. Eu sou a Terra, eu sou a natureza e a natureza sou eu. Se eu cuido ela, ela cuida de mim e assim vamos estabelecendo uma relação permanente de parentesco.

Nós chamamos a Terra de parente porque acreditamos que, de fato, a Terra é a nossa Grande Mãe, que o rio é nosso avô, que as estrelas são nossas irmãs que se sacrificaram para se tornar estrelas e nos orientar nas noites, que o fogo é um velho que nos conta histórias. Nós escutamos histórias do fogo, porque ele é um avô antigo, que existe muito antes de nós. Nós dominamos o fogo, quando ele quis se oferecer para nós. Antes disso, ele já existia, circulando o mundo todo, e ele sabe muito mais histórias que qualquer um de nós. Ao tratarmos dessa maneira a água e o rio como parentes, ao dizer que a Terra é nossa Grande Mãe, ao dizer que o ar é o nosso irmão que vai contando notícias para nós...

*Daniel Munduruku, em
conversa com Waverli
Neuberger, na plataforma
do Instituto Conhecimento
Liberta, pelo curso "Meio
ambiente e sustentabilidade".*



Como a Família pode construir a paz?

DEONIRA L. VIGANÓ LA ROSA

Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia.

Felizes os que promovem a paz! Serão chamados filhos de Deus (Mt 5,9).

Impossível “construir” a paz sem agir. Tornou-se rotina usarmos discursos, cantos e orações para pedir a paz e, pronto, temos a consciência tranquila. Se nossa solidariedade e discursos não se tornarem ativos, perderemos o direito de cantar na Igreja: “Vinde povos da terra para juntos a paz celebrar. Não queremos o ódio e a guerra, mas a Paz, a Justiça cantar”. Se não agirmos, porque “a fé sem as obras é morta” (Tg 2,17), continuaremos indiferentes aos apelos do Sermão da Montanha.

Como agir? De mil maneiras: construindo relações cotidianas pacificadoras, convivendo com os oprimidos, sendo mediador entre eles e as classes mais ricas e participando de permanentes ações

políticas. Comece com o que está mais próximo de você. Por exemplo:

- Jogue fora a arma da culpa.

Quanto mais você se sente culpado - por sentir o que sente, por não responder às suas próprias exigências, por incomodar, por ser quem é, por existir - mais você tem necessidade de culpar o outro. A culpa sempre foi a grande arma de todo tipo de opressões e esta arma cortante funciona a todo o vapor na dinâmica do casal e da família.

Reforce sim, a responsabilidade por seus atos, mas, livre-se da arma da culpa que talvez você carregue engatilhada desde criança. E, creia, ela lhe tira a paz interior.

- Desfaça-se da arma do medo.

Medo da diferença, medo do outro. “Não temais”, repetiu muitas vezes Jesus. Você

precisa libertar-se deste medo que alimenta no mais profundo de si mesmo. Quanto maior o seu medo, mais você outorga a si o direito à crueldade. Tudo o que você tem medo de expressar vai se reforçando subterraneamente e pode jorrar de forma brutal, nas horas mais inoportunas e sobre as pessoas a quem você menos gostaria de magoar. O medo não convive com a paz. O perfeito amor exclui o temor.

Desarme-se também em relação aos que, com honestidade, praticam religião diferente da sua. Ouvi, há pouco tempo, uma senhora de um grupo de Igreja afirmando que empreenderia qualquer esforço para acabar com o namoro de sua filha, porque o rapaz era de religião diferente da sua. Armas no chão, flores nas mãos, senhora! Há mais de um caminho para Deus. Quem disse que o seu é o melhor?...

- Aposente as armas da dominação autoritária e escravizante.

Os casais se separam cada vez mais, num confronto permanente. Ninguém até agora parece saber como entrar na paz interior e exterior. Está sendo difícil passar da dominação para a cooperação. Esta passagem exige esforço consciente.

Parece anedota, mas nesta época pós-movimento fe-

minista, ainda morre diariamente, no Brasil e no mundo, um alto número de mulheres, assassinadas pelos maridos, em absurdos conflitos familiares. É grande o número de menores estupradas por pais, padrastos, parentes ou vizinhos. Neste quesito, Porto Alegre e o Rio Grande do Sul estão nos primeiros lugares, nas estatísticas.

Hoje, a maior parte da humanidade está mergulhada no processo de busca da sobrevivência e as relações são permeadas de competição, de dominação, de luta. O planeta Terra vive em guerra aberta e encoberta, em guerra armada, em guerra econômica, psicológica e mesmo amorosa.

A humanidade busca diuturnamente uma passagem para o nível do coração. Esta passagem é, por sua vez, de nível coletivo e individual. Estamos todos preocupados, estamos todos em dificuldade para efetuar esta passagem, e nós temos necessidade de nos fortalecer para momentos difíceis. E nos fortaleceremos se nos envolvermos em ações construtoras da paz, sendo mansos na forma de tratar a todos, dentro e fora de casa, e envolvendo-nos até o pescoço na luta por uma sociedade mais justa, pois a paz é fruto da justiça (Is 32, 17).

Desconfie de quem isola a paz familiar da paz social

Não pretenda dar vida à sua Família, como se ela tivesse realidade por si só, com independência das estruturas sociais e das interações família-sociedade. Querer construir uma família melhor, sem ter em conta as condições sócio-econômico-culturais, é uma ficção. É alienação. O desconhecimento das interações entre

a instituição familiar e a instituição social tem como resultado a redução de certas problemáticas a dados ilusórios. Procure ler, envolver-se, participar. O individual, o comunitário e o social são interdependentes e se co-produzem. Neste âmbito, construiremos a paz.

Por Deus, baixem as armas, todos.

deoniralucia@gmail.com

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

“Quando redescobriremos quem somos, viveremos nossas vidas cuidando de um mundo composto por nós mesmos, outros humanos e toda a vida mais. Nossas ações deverão ser baseadas em tomar conta um dos outros, porque assim como no passado, cooperação é a única forma de sobrevivência.”

Waverli Neuberger



A ALEGRIA DE AMAR...



O referencial de amar é perfeito, e existencial, é de cada pessoa – por assim dizer é do casal, é ingrediente vital para cultivar relacionamentos. O amor, em sua essência, não cabe em si, ele transcende em pensamentos, palavras e ações, e é na práxis que ele se manifesta com todas as suas raízes, com sua ancestralidade, com o seu colo – é nele que aprendemos e experimentamos toda sua beleza e grandeza em manifestar-se diante do mundo e nas relações.

Assim, a alegria do amor é um encontro pessoal com a sua essência, que, reconhecendo toda a sua grandeza, se abre para amar o outro, permitindo-se ampliar as relações externas, encontrando no outro a mais sublime manifestação de sentimentos e emoções que se emancipam para coabitar uma existência.

A alegria de amar é construída com altruísmo, que, amando desinteressadamente, encontra o próprio amor.

Rubens Carvalho, Conselho Diretor Nacional do MFC.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ Frase para reflexão: ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



**“Faz de tua vida uma prece de
compaixão e empatia com a
dor do mundo.”**

Sabedoria Búdica



“Se alguém vive um cristianismo muito bom, mas que não se conecta com nosso tempo, não denuncia as injustiças, não proclama o Reino de Deus com valentia, não combate os pecados da humanidade, que consente, para estar de bem com certas classes sociais, com os pecados dessas classes, está pecando, está traindo sua missão, não está cumprindo seu dever.

A Igreja existe para converter as pessoas, não para dizer que tudo o que fazem está bom; por isso, naturalmente, desagrada. Todo aquele que nos corrige, desagrada.

Eu sei que desagrado a muita gente, mas sei que agrado a todos aqueles que buscam sinceramente a conversão da Igreja.”

Dom Oscar Romero, em 21 de agosto de 1977.

◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊ *Frase para reflexão:* ◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊◊



“Viva de tal maneira que não destruas as condições de vida dos que vivem no presente e as do que vão viver no futuro...”

Viva no respeito e na solidariedade para com todos os companheiros de vida e de aventura terrena, humanos e não humanos, e cuide para que todos possam continuar a existir e a viver, já que todo o universo se fez cúmplice para que eles existissem e vivessem e chegassem até o presente.”

Leonardo Boff

***“Dar mais valor ao tempo
do que às coisas.
Redefinir uma nova visão
de mundo, a partir do que é
essencial para todos.
Restabelecer a confiança!”***

Waverli Neuberger



“Não podemos resolver problemas seguindo o mesmo tipo de raciocínio que adotávamos quando os geramos...”

Albert Einstein (1879 – 1955)